

Moyses



atos

do conselho geral

ano LXX — outubro-dezembro, 1989

n. 331

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

n. 331

ano LXX

outubro-dezembro

1989

1. CARTA DO REITOR-MOR	Pe. Egídio Viganó A "nova evangelização" ..	3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	Pe. Paulo Natali Introdução à leitura de "O salesiano coadjutor" .	27
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	A profissão de fé e o juramento de fidelidade na tomada de posse de um encargo exercido em nome da Igreja	34
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1. Crônica do Reitor-Mor .. 4.2. Crônica do Conselho Geral	39 39
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1. Aprovação do texto próprio do Missal da Sociedade e da Família Salesiana	42
	5.2. Celebração litúrgica anual da memória dos Bem-aventurados L. Versiglia e C. Caravário no dia 13 de novembro ..	42
	5.3. Reconhecimento de pertença à Família Salesiana da "Associação de Maria Auxiliadora" ..	43
	5.4. Novos Inspetores	52
	5.5. Algumas notícias sobre a preparação do CG23 ..	53
	5.6. Irmãos falecidos	54

Tradução:

Pe. Ervino Martinuz

Editora Salesiana Dom Bosco

Rua Oscar Horta, 55/59

03105 — São Paulo — SP

Tel.: (011) 277-3211

Telex: (011) 32.431 ESPS BR

1. CARTA DO REITOR-MOR

A “NOVA EVANGELIZAÇÃO”

Introdução — A preocupação “pastoral” do Concílio — Novidade de fronteiras — Novidade de perspectivas — A “suprema Novidade” — Novidade de pressupostos doutrinários — Novidade de método e de linguagem — Novidade de operadores — Novidade também de perigos — A indispensável “interioridade apostólica” dos evangelizadores — Conclusão.

Roma, Natividade da Bem-aventurada Virgem Maria,
8 de setembro de 1989

Queridos Irmãos,

aproxima-se a celebração do CG23. Neste mês de setembro a Comissão pré-capitular “redigirá sob a responsabilidade do regulador, de acordo com o Reitor-Mor, as relações ou esquemas a serem enviados, com suficiente antecedência, aos participantes do Capítulo Geral”¹.

Nos meses passados chegaram e foram analisados pelo Conselho Geral os Atos dos Capítulos inspetoriais. Aproveito para congratular-me com cada Inspeção pela seriedade, a participação ativa e a fraternidade com que foram preparados e realizados os trabalhos capitulares.

O tema da educação dos jovens à fé é vital e é uma das mais graves urgências para a Igreja e, de maneira toda particular, para nós. “A Igreja — escreveu-nos o Papa — tem tantas coisas para dizer aos jovens, e os jovens têm tantas coisas para dizer à Igreja. Este diálogo recíproco, que deverá fazer-se com grande cordialidade, clareza e coragem, favorecerá o encontro e o intercâmbio das gerações, e será fonte de riqueza e de juventude para a Igreja e para a sociedade civil”².

Penso seja útil iluminar uma tarefa urgente com algumas reflexões gerais e introdutivas sobre a “Nova Evangelização”, de que falam, hoje, o Papa e os Bispos.

¹ Regul. 113

² *Christifideles Laici*, 46

A preocupação “pastoral” do Concílio

A absoluta urgência de uma nova evangelização para todos tinha sido proclamada no Concílio Ecumênico Vaticano II. Lembremos a impressão e as reações suscitadas pelo discurso de abertura do Papa João XXIII: “o espírito cristão, católico e apostólico do mundo inteiro — disse —, espera um impulso para frente. Uma coisa é o depósito da fé, e outra a forma com que são enunciadas as verdades contidas na nossa doutrina. Será preciso atribuir muita importância a esta forma, e, se for necessário, será preciso insistir com paciência na sua elaboração”³.

Respondendo a esta urgência apontada pelo Sucessor de Pedro, o Concílio assumiu uma ótica tipicamente “pastoral”, projetando toda a ação da Igreja em direção a uma nova etapa apostólica.

Em 1985, o Sínodo extraordinário, vinte anos depois do Concílio, comentou e relançou esta laboriosa busca pastoral assegurando o seu vigor doutrinal e a sua continuidade dentro de uma Tradição viva: “Não é lícito separar a índole pastoral do vigor doutrinal dos documentos. De igual modo, não é legítimo dividir espírito e letra do Concílio. Além disso, o Concílio deve ser compreendido em continuidade com a grande Tradição da Igreja; e, simultaneamente, da mesma doutrina do Concílio devemos receber luz para a Igreja dos nossos dias e para os homens do nosso tempo”⁴.

Existe, portanto, uma urgência de “novidade de forma” que exige uma conversão pastoral, mas com vigor e integridade de doutrina em profunda e consciente sintonia com a vitalidade da Tradição cristã sob a direção dos Apóstolos e dos seus sucessores.

Assim afirmou o mesmo Concílio: “Fica, portanto, claro que, segundo o sapientíssimo plano divino a Sagrada Tradição, a Sagrada Escritura e o Magistério da Igreja estão de tal maneira entrelaçados e unidos, que um não tem consistência sem os outros, e que juntos, cada qual a seu modo, sob a ação do

³ Alocução a 11 de outubro de 1962

⁴ Relação final, 5

mesmo Espírito Santo, contribuem eficazmente para a salvação das almas”⁵.

A nova evangelização, portanto, deverá se colocar no traçado secular da Páscoa e do Pentecostes, vivido pela Igreja sob a orientação dos Pastores, cultivando uma peculiar sensibilidade aos atuais sinais dos tempos.

É bom lembrar que com o Concílio aprofundou-se o próprio conceito de “pastoral”. Ela não é só uma atividade setorial da Igreja, limitada à catequese e à liturgia, mas envolve toda a obra educativa e promocional do homem. O Vaticano II proclamou a importância, a natureza e a autonomia das realidades temporais que não devem ser instrumentalizadas, mas respeitadas, promovidas de acordo com as finalidades próprias determinadas por Deus Criador; o Concílio acrescentou, porém, que estas realidades devem ser endereçadas a uma síntese vital que as incorpore à obra evangelizadora da Igreja para a recapitulação de tudo no mistério de Cristo. É suficiente lembrar, entre tantas afirmações conciliares, uma bastante significativa da Constituição pastoral “*Gaudium et Spes*”: “alegrem-se os cristãos, a exemplo de Cristo, que exerceu a profissão de operário, porque podem desempenhar todas as suas atividades terrestres, unindo os esforços humanos, domésticos, profissionais, científicos ou técnicos, em síntese vital com os valores religiosos, sob cuja soberana direção todas as coisas são coordenadas para a glória de Deus”⁶.

A pastoral, portanto, permeia o trabalho global do homem transfigurando-o com a fé; ela, a fé, é critério que orienta, é finalização que coordena e dá um significado cristão a tudo; refere-se não só à atividade interna da Igreja, mas também às atividades próprias da sociedade: de fato o Povo de Deus deve ser “sacramento universal” de salvação no mundo: “pretender que um só elemento da vida humana — disse João Paulo II aos Bispos do Chile — seja autônomo em relação à lei de Deus é uma forma de idolatria”⁷.

⁵ *Dei Verbum*, 10

⁶ *Gaudium et Spes*, 43

⁷ *Osservatore Romano*, 28-29 de agosto de 1989

Deve-se observar, porém, que o devir da sociedade trouxe aceleradamente nestes decênios algumas interpelações inéditas à pastoral.

Perguntamo-nos nestes anos, quais seriam as novidades que desafiavam a pastoral. O Evangelho não muda; a fé é sempre adesão sincera a Cristo; o que existe que traz essas novidades que interpelam?

A resposta não é simples. Apresento à reflexão de vocês algumas destas novidades com as quais será preciso que hoje se confronte a nossa atividade de evangelizadores.

Novidades de fronteiras

Um primeiro elemento de novidade é o atual devir humano com os complexos problemas da cultura emergente e da presente reestruturação social. O homem de hoje necessita, como o de ontem, do Evangelho, mas como resposta de Deus aos novos desafios.

A recente Exortação Apostólica sobre os fiéis leigos, em seu capítulo III⁸, indica algumas fronteiras particularmente necessitadas hoje da luz da Palavra de Deus: elas são “culturalmente” novas.

Lembremo-las rapidamente indicando as vastas áreas: a dignidade da pessoa humana, os invioláveis direitos à vida, a liberdade religiosa, a família como primeiro espaço para o engajamento social, a solidariedade em suas várias dimensões, o compromisso político próprio de uma convivência democrática, a complexa problemática econômico-social e, por fim, como síntese de tudo, a cultura (ou as culturas).

Trata-se, afinal, de resolver o angustiante drama do divórcio entre cultura e Evangelho denunciado na “*Evangelii Nuntiandi*”. Isto requer que se assuma decididamente a “*guinada antropológica*” de que falou Paulo VI: o Concílio “dirigiu-se” e não “desviou-se” para o homem; e lembrar a afirmação de João Paulo II que o caminho da Igreja é o homem. Deve-se consi-

⁸ *Christifideles Laici*, 37-44

derar com discernimento de fé o crescente processo de secularização e os outros sinais dos tempos; eles, em si, são ambíguos; mas, também se voltados de fato para interpretações reductoras e fora de rumo, carregam todavia especiais valores e precisam abrir-se à luz de Cristo para descobrir a plenitude de verdade do seu Evangelho. Prescindir deles com insensibilidade ou julgá-los negativamente com unilateralidade torna-nos incapazes de evangelizá-los. É preciso reconduzir a inteligência à fé, não apesar mas graças à cultura.

Mas, valorizando a cultura emergente, não se corre talvez o perigo de cair no secularismo? Isto poderia também acontecer nos casos de falta de preparação; mas é preciso não esquecer que todos os fiéis vivem no devir do século e que a “dimensão secular” da Igreja é inerente à sua condição de peregrina no mundo. Por outro lado os nossos jovens destinatários (que são ‘leigos’) devem ser formados em seu ambiente histórico e saber testemunhar a vocação cristã nos compromissos da sua “índole secular”⁹.

Portanto, é preciso adquirir todas as competências necessárias para responder evangelicamente às interpelações que surgem destas novas fronteiras do século.

Novidade de perspectivas

A mentalidade que veio se afirmando com o progredir dos sinais dos tempos está prevalentemente voltada para o futuro. Os processos de socialização, de libertação, de secularização, de promoção da mulher ajudaram a fazer pensar que na projeção do futuro exprime-se a verdade profunda do homem; é sua tarefa natural agir para transformar o mundo, tanto mais se for deturpado por desvios e por injustiças. As ideologias nascidas em nosso século proclamaram, também se na sua efêmera setorialidade, a urgência de determinadas mudanças talvez à custa de meios inumanos e sanguinários.

Pode-se dizer que o conceito de “história” que hoje agrada refere-se mais ao futuro do que ao passado: mais do que me-

⁹ *ib.* 15

mória (que seria útil como ensinamento), considera-se a história projeto a ser elaborado e realizado; as pessoas querem ser protagonistas de um futuro mais humano e superior. Cresce a sensação da necessidade de uma contínua renovação. Dá-se muita importância ao gesto concreto do compromisso e à capacidade operacional; aprofunda-se, assim, e desenvolve-se uma nova relação entre teoria e práxis. De fato, a primazia do futuro está na centralidade da práxis.

Uma semelhante novidade de perspectiva não deve ser considerada uma moda superficial, também se precisa ser devidamente redimensionada. Aqui interessa-nos o fato cultural que essa mentalidade está espalhada e que o evangelizador deve fazer as contas com ela. É uma modalidade nova de considerar as situações e as prioridades a serem privilegiadas; sugere soluções e decisões originais; faz olhar para a vida como um contínuo compromisso de libertação pessoal e social.

Em semelhante clima é preciso reencontrar no Evangelho as molas e os critérios de futuro que lhe são próprios; devem ainda ser repensados e explicados adequadamente certos valores fundamentais do Cristianismo expressados por meio de conceitos que parecem um tanto alheios à sensibilidade atual, como os de “tradição”, de “observância”, de “indissolubilidade”, etc. Não é que eles não devam, ainda hoje, ser considerados fundamentais, mas a maneira de apresentá-los pode trazer o perigo de considerá-los obsoletos e fechados, incapazes portanto de transmitir os seus verdadeiros e preciosos conteúdos.

Dar um lugar privilegiado à perspectiva de futuro, acompanhá-la com a criatividade e o trabalho, iluminá-la com novos ideais de crescimento, significa mudar os esquemas psicológicos do pensar social, sobretudo entre os jovens. Isto incide não pouco sobre a busca de uma “nova forma” de evangelização que não atraia a integralidade da mensagem.

É interessante observar como esta mentalidade abre perspectivas sobre novos horizontes: mais do que de guerra e de poder, fala-se de paz, de justiça, de ecologia, de solidariedade, etc., e disso nasce o projeto de modelos diferentes aos quais aspirar; vários movimentos sociais surgiram para proclamar essa originalidade.

É como se se devolvesse à humanidade uma hora de primavera com fantasia juvenil. É um sinal particularmente ex-

pressivo das profundas mudanças culturais em andamento. Em resumo, é esta uma novidade em si entusiasmante.

Infelizmente, porém — como já observamos —, as coisas humanas costumam ser de fato ambíguas, e o que num primeiro momento parece fascinante, pode transformar-se em utopia passageira ou em desvio enganador.

O tempo não é só futuro; o mesmo futuro nasce do passado! A novidade que tem valor necessita sempre de raízes.

Em todo caso o que é preciso ter presente neste caso é que o Cristianismo, por sua natureza específica, está profundamente voltado para o futuro, e é chamado a ser nos séculos peculiarmente “perito em novidade”. Com razão os Padres disseram que a história da Igreja vai de início em início até o final: ao longo dos séculos a obra da evangelização inicia sempre e nunca termina.

É bonito observar aqui que Dom Bosco nos dá uma preciosa lição de sensibilidade histórica, seja com a sua releitura da memória do passado, seja com o seu trabalho criativo em uma práxis pastoral de futuro. Soube, por um lado, considerar nos séculos a específica missão evangelizadora da Igreja (pensemos os seus escritos de história da Igreja e da Itália) e, de outro, iluminado por esta sabedoria secular, dedicou-se corajosamente e com criatividade a dar uma resposta evangelizadora aos novos desafios dos tempos: foi um pastor voltado para o futuro, podemos dizer também santamente “utópico”, porque procurou penetrar nos novos problemas da juventude estimulando a criatividade das suas qualidades e dons pessoais e do seu carisma de fundador, para formular uma resposta adequada. Foi um santo suscitado pelo Espírito como válido profeta para os novos tempos. Devemos saber olhar para ele como mestre de um novo início da pastoral juvenil.

A “suprema” novidade

Não é suficiente considerar as novidades culturais de tipo cronológico que acompanham a evolução do devir humano. Hoje, como ontem e amanhã, permanece viva, fascinante e decisiva a suprema novidade do Cristianismo na história: a da

Páscoa de Cristo. É uma novidade de tipo histórico-teológico. Não é suficiente reconhecer abstratamente a sua excepcionalidade; é preciso apresentá-la como a mais importante “notícia” para o hoje, que causa impacto, que renova, que sabe responder aos interrogativos mais angustiantes, que abre a vida de cada um e a história da humanidade à transcendência: trata-se da misteriosa dimensão escatológica (ou seja, da meta final desde já presente de alguma maneira) que incide também sobre as culturas humanas, as ilumina, as julga, as purifica, as discerne e pode promover seus valores emergentes.

A nova evangelização apóia-se totalmente sobre este acontecimento máximo: o “último” por excelência! Não existe, nem haverá jamais novidade maior do que esta: é medida de confronto para toda e qualquer outra novidade; não envelhece; é a perene maior maravilha da inserção de Deus na história; é a nova criação que se antecipa ao nosso velho mundo. É preciso saber tornar visível e comunicar esta suprema novidade.

O qualificativo “novo” relacionado com a cultura indica simplesmente uma emergência no devir, também se requer uma atenta e renovada modalidade de pastoral; relacionado, no entanto, com o mistério de Cristo, o qualificativo “novo” indica a plenitude da verdadeira e definitiva novidade. É nova não porque jamais ouvimos falar dela, ou porque é interpelada pelos problemas que antes não se conheciam, mas porque é o ápice maravilhoso da aventura humana; proclama, de fato, a meta suprema da história e a fonte de toda esperança em todos os séculos. Impressiona-nos sempre.

“Grandes foram nos últimos tempos os progressos da ciência e da técnica e grandes foram as repercussões que tiveram sobre a humanidade sem nunca chegar a dar respostas completas e satisfatórias aos muitos interrogativos do homem”¹⁰. Só Cristo revela ao homem o que é o próprio homem!

“Evangelizar” significa, antes de tudo, saber anunciar ao homem de hoje a alegre e agradável notícia da Páscoa, que arrebenta e faz explodir o caduco atrativo das novidades que evoluem, que logo se transformam naquela monotonia insatisfeita que costuma caracterizar a existência enjoada de uma civilização só horizontal.

¹⁰ João Paulo II aos Bispos do Chile — *Osservatore Romano*, 28-29 de agosto de 1989

É urgente, portanto, sermos comunicadores atualizados da grande “notícia” com os seus enormes valores históricos.

Existem sobretudo duas mediações que, como duas bitolas, transmitem suas riquezas: a Palavra de Deus e a Liturgia; constituem a grande trilha de “volta às fontes”: “voltar às fontes, em nosso caso — escreveu o Papa —, é retornar ao próprio manancial da vida em que se nutre o ‘fervor dos Santos’. Por isso é bom escutarmos das primeiras testemunhas do Evangelho o impacto, a novidade e o dinamismo do primeiro anúncio. Ouçamos o evangelista João na sua Primeira Carta: ‘O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com nossos olhos, o que contemplamos, e nossas mãos apalparam... vo-lo anunciamos, para que estejais também em comunhão conosco’ ”¹¹.

Eis então que a nova evangelização terá necessidade de uma verdadeira “Escola da Palavra” (como faz, por ex., o Card. Martini com os jovens de Milão ou como nós tentamos fazer com a mensagem das “Bem-aventuranças juvenis”) e de uma renovada e vivida “Experiência litúrgica” em que tudo se concentra na direção da Eucaristia (como foi insistido várias vezes na Congregação)¹², para que a Páscoa seja considerada sempre a suprema novidade.

A nova evangelização deverá fazer compreender aos jovens a máxima notícia proposta por estas duas mediações, como estratégia pedagógica de iniciação ao mistério.

Novidade de pressupostos doutrinários

As três novidades que até aqui acenamos necessitam de todo um alicerce de pensamento que reconsidere e aprofunde certos aspectos da realidade e da história da salvação com uma visão objetivamente renovada.

De fato: as “novas fronteiras” pedem uma reflexão mais aprofundada sobre os valores da laicidade, de acordo com a valorização de toda a ordem temporal; as “novas perspectivas” necessitam saber medir os valores do futuro histórico com o

¹¹ 1Jo 1,1-3. Carta do Papa aos religiosos por ocasião da XV Assembléia Geral ordinária da CRB — *Osservatore Romano*, 30 de agosto de 1989

¹² Cf. Atos do Conselho Geral, 324, janeiro-março 1988

parâmetro do futuro absoluto (= a escatologia), ou seja, da Páscoa como o “novíssimo” por excelência; e por fim “a suprema novidade” dos acontecimentos pascais exige um forte repensamento de todo o mistério da Igreja como Corpo de Cristo na história.

Eis então três grandes setores que esperam uma reflexão doutrinal particularmente renovada: uma teologia mais atualizada da “criação”, uma criativa “teologia da esperança”, com uma visão mais envolvente da “escatologia” olhando para o futuro a partir dos “novíssimos” ou melhor, do “novíssimo”; e uma “teologia da Igreja” repensada conciliarmente ao redor do conceito do Povo de Deus que vive em comunhão orgânica.

O atual evangelizador necessita aprofundar estas ricas áreas doutrinárias.

— A *“teologia da criação”* deve ser repensada e desenvolvida a partir da “ótica do laicato” e dando particular importância à “guinada antropológica” enriquecida com os sinais dos tempos e com o progresso das ciências fenomenológicas. Abre-se, aqui, uma área de saber que é imensa e que incide fortemente sobre a progressiva elaboração de uma nova cultura. A laicidade, os valores da secularidade, as leis harmônicas da natureza, a singularidade da vida humana, da sua dignidade e da pedagogia do amadurecimento, os valores e os direitos da pessoa, as legítimas exigências da liberdade, os direitos e os deveres da família, a natureza e o desenvolvimento da sociedade, a política do bem comum, a economia e o uso dos bens para todos, a solidariedade humana em seus múltiplos aspectos, são vastos temas a serem reestudados doutrinalmente do ponto de vista teológico renovado, capaz de contemplar as coisas de acordo com o projeto criador de Deus Pai em sintonia com a atual evolução da cultura.

— A *“teologia da esperança”* ilumina as atitudes e a práxis com uma modalidade voltada para o futuro a partir das supremas novidades da Páscoa e do Pentecostes, que comportam a presença do Espírito Santo na história com a suave energia do seu poder. Faz entender a realidade objetiva e transcendente da ressurreição de Cristo — que é o fato concreto e supremo do “Homem-tipo” — como início da “nova criação” na qual Ele conquistou a condição de Segundo Adão e a realeza de Senhor da história.

O grande interesse da esperança cristã é o futuro, não um futuro genérico e transitório, mas aquele transcendente e definitivo de Cristo. O poder do Espírito vai construindo, já no futuro histórico, as premissas e as raízes do futuro absoluto imprimindo na história pós-pascal uma verdadeira dimensão escatológica, seja na ordem temporal da cultura e da política, seja no ambiente eclesial da pastoral. A Páscoa é como o “motor primeiro” que inicia um processo histórico voltado a transformar a realidade humana; é o princípio de uma contínua renovação animada pela esperança. Abre-se assim uma vasta área de reflexão para a doutrina cristã da ação.

Falou-se que o mistério cristão é como “uma flecha lançada no mundo para indicar o futuro”, de tal maneira que a fé nunca deva ser submetida e manipulada pela história, mas, ao contrário, a transcenda, a julgue e a guie.

Seja a ação dos leigos no temporal, seja a ação pastoral da Igreja, devem olhar inteligentemente para o futuro (tanto mais se se trata de pastoral juvenil) com a luz e a energia da esperança que projeta a suprema novidade da Páscoa sobre o devir humano através do poder do Espírito. A esperança cristã invade tudo com dinamismo operacional: não é só “expectativa”, mas é “preparação projetada e laboriosa”, é incansabilidade de obreiros do Reino, é mais forte de todos os motivos de desânimo, pertence àquela fé que é vitória que transforma o mundo. A luz que ela irradia traz consigo a capacidade de discernimento crítico diante de todas as outras novidades culturais que vão emergindo e sabe avaliar os projetos de futuro histórico que vão sendo elaborados para o progresso da ordem temporal. Também se existe uma “distância histórica” entre a cultura de hoje e aquela de ontem, e por isso existe uma diferença de critérios de ação diante da crescente complexidade social e eclesial, todavia o Espírito de verdade vai sublinhando constantemente no Evangelho novas modalidades de resposta cristã que derivam de maneira inexaurível daquele “primeiro motor” que é a ressurreição do Senhor.

De fato a suprema novidade da Páscoa é uma dimensão sempre presente no cotidiano, na vida de fé, nas obras de caridade, nas múltiplas iniciativas do Espírito, em toda a vida do fiel; é fruto do Batismo que infunde a inata energia da nova criação, e é alimentada pela Eucaristia com a assimilação do próprio corpo do Ressuscitado.

Estávamos acostumados a reduzir os temas dos “novísimos” à morte, ao juízo, inferno e paraíso. Sim, eles são temas escatológicos de particular importância, mas se apresentam mais como limites ao qual se chega do que como motor de vida: a visão mais envolvente da suprema novidade pascal estende, no entanto, as considerações da escatologia a todo o conjunto da existência vivida na esperança. Com a Páscoa mudou, de fato, o conceito de tempo: não o círculo repetitivo, também se em espiral das estações dos séculos; não a linha reta sempre para frente, sem saber objetivamente qual é a meta de chegada; mas o paradoxo do “já” e do “não ainda”, onde está o progredir objetivo da história, e onde se encontra, ao mesmo tempo, a sua meta definitiva, o homem novo que vive em plenitude nos dois Ressuscitados, Cristo e Maria, que, como protagonistas da nova humanidade, influem constantemente sobre o desenvolvimento das vicissitudes humanas e injetam desde já na história as energias da ressurreição.

A teologia da esperança, repensada na ótica pascal, apresentará ricas perspectivas à nova evangelização.

— *Por fim, a “teologia da Igreja”* foi repensada e proposta substancialmente nos documentos do Concílio Vaticano II. Eles devem ser considerados organicamente, de acordo com as indicações do Sínodo extraordinário de 1985. A “Relação final” deste Sínodo ajuda a desenvolver uma eclesiologia de comunhão que não resulte arbitrária e não apareça distanciada da Tradição viva.

O Concílio superou uma leitura societária da Igreja colocando em evidência o seu caráter central de “mistério” que a torna “Corpo de Cristo” e “Templo do Espírito” na história. Ela é, portanto, “Sacramento universal de salvação”. É apresentada como “Povo de Deus” através dos séculos; um “Povo” nascido do Batismo com dignidade profética sacerdotal e régia, que vive em uma comunhão orgânica constantemente guiado por Cristo “Pastor eterno” através do Papa e dos Bispos, escolhidos como seus Vicários para apascentá-lo colegialmente. Neste Povo todos os membros têm uma comum vocação à santidade e estão comprometidos numa mesma missão evangelizadora, porém com diferentes modalidades de testemunho e com variados serviços de acordo com a pertença: Laicato, Vida consagrada ou Ministério da Ordem.

As conseqüências pastorais desta renovação eclesiológica estão sendo atuadas e são os alicerces da nova evangelização. É indispensável assumir esta mudança eclesiológica com uma mentalidade verdadeiramente renovada em relação à teologia da Igreja. Sem esta autêntica conversão de perspectiva resultaria impossível o famoso “impulso para frente” do Papa João XXIII.

Infelizmente apareceram, nestes últimos anos, algumas interpretações eclesiológicas bastante arbitrárias, que se afastam da doutrina conciliar e que geraram, mais de uma vez, perigosas confusões. Será preciso saber julgá-las com atento discernimento em sintonia com o Magistério vivo dos Pastores.

Portanto, como pode-se ver, a novidade de perspectivas doutrinárias, especialmente de uma renovada reflexão teológica sobre os temas da criação, da esperança cristã e da Igreja-mistério, compromete fundamentalmente os operadores da nova evangelização com exigentes tarefas de cuidadosa formação permanente.

Novidade de método e de linguagem

Já faz uma dezena de anos que as disciplinas do método fizeram e estão fazendo grandes progressos: entre as ciências humanas ocupa um lugar eminente, sobretudo numa época de mudanças, a pedagogia, enriquecida pelos progressos da biologia, da psicologia e da sociologia. É verdade que o “método” situa-se no nível dos “meios” e que precisa, portanto, ser pensado e avaliado em vista do fim e dos conteúdos. Porém, tem importância verdadeiramente extraordinária na busca da “forma nova” de aproximação pastoral e de diálogo cultural a que se alude quando se fala de nova evangelização.

Intimamente vinculado ao método está o aspecto da “*linguagem*”. A experiência nos ensina que sem linguagem adequada (que não pode ser reduzida a simples palavras a serem ditas) não é possível comunicar e transmitir. É este, hoje, um assunto “quente” que pode-nos colocar em crise pelo nosso tipo de formação mental e por uma certa falta de flexibilidade cultural. É suficiente pensar que precisaria saber usar um tipo de linguagem adaptado aos intelectuais, um outro para as pessoas simples e comuns, um outro ao nível da comunicação

oficial, um outro para os analfabetos, etc.: uma linguagem que conhece bem a verdade integral dos conteúdos e que sabe comunicá-la escutando sobretudo os clamores dos últimos. Santo Agostinho escreveu, exatamente visando este problema, o seu célebre “De catechizandis rudibus”.

Haverá necessidade, portanto, da diversidade de métodos e de linguagens visando as diferenças de idade, de cultura, de situações, etc. A multiplicidade e variedade de métodos é uma exigência da “forma nova”; não é um defeito, mas um sinal de flexibilidade pedagógica, e portanto uma riqueza de comunicação.

Trata-se de exigências pedagógicas ao serviço da evangelização. Evidentemente a finalidade deve ser a de transmitir claramente o Evangelho na sua totalidade.

Os métodos podem também pecar pela infiltração de prejuízos ou de teorias arbitrárias. A tentação de misturar indevidamente neles alguns aspectos ideológicos infelizmente não é uma fantasia. A nova evangelização exige a busca de métodos capazes de dar uma contribuição eficaz para a educação à fé e da fé, seguindo a integridade do depósito da Igreja, assegurando algumas certezas fundamentais, bem definidas, simples, sólidas e mais fortes das recorrentes suspeitas racionalistas.

Nesta busca é importante lembrar que existe também uma “originalidade pedagógica” que é própria e característica da educação à fé. Sublinhou-a o Papa João Paulo II após o Sínodo de 1977 sobre a catequese: “A originalidade irreduzível da identidade cristã — afirmou — tem como colorário e condição *uma pedagogia não menos original da fé*. . . A ciência da educação e a arte estão sendo objeto de contínuos reexames em vista de se conseguir uma melhor adaptação ou uma maior eficácia das mesmas, com resultados também diversos.

Ora sucede que há também *uma pedagogia da fé*. . . E ao longo de toda a história sagrada, e sobretudo no Evangelho, o próprio Deus serviu-se de uma pedagogia que deve continuar a ser modelo para a pedagogia da fé. Uma técnica não será válida na catequese senão na medida em que ela é posta a serviço da fé para transmitir e para educar”¹³.

¹³ Catechesi Tradendae, 58

O tema do método e da linguagem deveria representar para nós, à escola de Dom Bosco Educador, um argumento privilegiado em que deveríamos aparecer como protagonistas exatamente na educação da juventude popular à fé. Será uma metodologia inspirada naquela do nosso Fundador que, no Sistema Preventivo, nos transmitiu uma pedagogia vital e conscientemente ligada à irredutível originalidade da revelação e da identidade cristã: uma pedagogia que aponta nada mais nada menos para a santidade”¹⁴.

Novidade de operadores

A Exortação apostólica “Christifideles Laici” nos lembrou que a tarefa evangélica é própria de todo o Povo de Deus. No seu capítulo IV o documento apresenta os diferentes grupos de “trabalhadores da vinha” e conclui citando uma bonita página da “Introdução à vida devota” de São Francisco de Sales: “Na criação Deus ordenou às plantas que produzissem os seus frutos, cada uma segundo a própria espécie. A mesma ordem dá aos cristãos, que são as plantas vivas da Sua Igreja, para produzirem frutos de devoção, cada um segundo o seu estado e a sua condição”¹⁵.

A Exortação está toda voltada para a vocação e missão dos leigos. Devem, portanto, ser eles mesmos os concretos evangelizadores dos seus ambientes de vida e de trabalho. São chamados a colaborar também em outras iniciativas evangelizadoras da Igreja. A missionariedade do laicato foi relançada pelo Concílio Vaticano II e constitui, de fato, uma “novidade” pastoral que precisa de um impulso mais decidido.

Percebe-se claramente, por conseguinte, que um sério “Projeto-Leigos”, de nossa parte, não é só uma fidelidade à idéia apostólica do Fundador, mas uma exigência fundamental daquela renovada eclesiologia, que constitui o estímulo doutrinal de uma profunda mudança pastoral. Precisar-se-á portanto intensificar com maior convicção o trabalho em favor de nossas associações laicais.

¹⁴ Cf. *Juvenum Patris*, 15-16

¹⁵ *Christifideles Laici*, 56

A nova Evangelização é solicitada e avaliada mais pela própria missão do que pelo funcionamento de obras programadas em tempos anteriores; é a exigência atual da missão, de fato, que deve guiar a específica renovação dessas obras.

É importante para nós sublinhar, ainda, que no mesmo capítulo IV a Exortação reserva *uma atenção particular aos jovens*. Eles “não devem ser considerados simplesmente como objetos da solicitude pastoral da Igreja; são de fato e devem ser encorajados a ser *sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social*”¹⁶.

São afirmações corajosas! Elas indicam a meta da nossa pastoral juvenil. O CG23 nos ajudará a sermos, neste setor, competentes educadores que sabem envolver — na variedade das obras — muitos jovens operadores da nova evangelização.

Em particular deve-se rever, por exemplo, a nossa incisividade pastoral no associacionismo juvenil. O “Confronto DB88” nos fez experimentar a importância e a atualidade de saber animar um verdadeiro Movimento entre os jovens mais comprometidos, permeado pelo espírito de Dom Bosco “pai e mestre da juventude”. O critério oratoriano que deve caracterizar o relançamento deste compromisso associativo nos sugere não só uma modalidade original de animação dos grupos atuantes, mas nos lembra também que o “oratório” — como critério permanente de renovação — não é só um lugar geográfico; ele subsiste também numa associação e num movimento que ultrapassa os limites do ambiente material e local, até se estender a toda a Inspeção e a todo o País.

Também isto é repensar com novidade o nosso trabalho pelo Evangelho entre os jovens.

Novidade também de perigos

A convergência de tantas novidades traz consigo também um outro enfoque no cuidado preventivo contra os possíveis perigos. Se um pega outro rumo deverá saber adequar-se às novas condições da viagem e observar com atenção o terreno,

¹⁶ *ib.* 46

que apresentará naturalmente outros perigos, diferentes daqueles da estrada anterior.

Uma vez excluída a atitude cabeçuda do integrismo tradicionalista, que consiste em não querer mudar o caminho (nega, de fato, a necessidade de uma “nova modalidade” de pastoral), a escolha da nova evangelização exige que se enfrentem tantos problemas inéditos, que se criem respostas adequadas, que se superem particulares dificuldades, e também que se saiba identificar e desmascarar novos perigos que poderiam fazer sair da estrada. Portanto: nem ortodoxia fechada, nem erros geniais!

É este um risco inerente à escolha feita. De fato, nestes poucos anos de busca pastoral constatamos o surgir de desequilíbrios diferentes dos anteriores. Antes do Concílio o eixo dos perigos encontrava-se principalmente do lado de uma modalidade evangelizadora fixa; depois do Vaticano II encontramos-lo do lado da criatividade pastoral, louvável enquanto busca uma nova forma, mas que pode ser perigoso ou levar longe do rumo por causa de algumas suas propostas específicas: lembremos, por exemplo, algumas posições intemperantes na renovação litúrgica e eclesiológica, ou certas interpretações ideológicas do processo de libertação.

Convido-os a ler com atenção a Carta que João Paulo II enviou aos religiosos por ocasião da XV Assembléia Geral Ordinária da CRB¹⁷. Afirma ele entre outras coisas: “A fé que se apóia na revelação e no magistério da Igreja salvaguarda a evangelização da tentação das utopias humanas; a esperança cristã não confunde a salvação com as ideologias de qualquer denotação; a caridade que há de animar a tarefa evangelizadora preserva o anúncio evangélico da tentação da pura estratégia de uma transformação social ou da violência desenfreada que leva à luta de classes. Fé, esperança e amor são a garantia desta nova evangelização”¹⁸.

Acredito portanto conveniente, sem pretender esgotar um argumento tão delicado, indicar algumas áreas de perigo mais nocivas à nossa pastoral juvenil.

¹⁷ Vaticano, 11 de julho de 1989

¹⁸ *Osservatore Romano*, 30 de agosto de 1989

— Uma primeira área de perigo procede da “diferença ou distância histórica” que existe entre o mundo bíblico e eclesial dos séculos passados e a cultura emergente no mundo de hoje. É, este, um dado evidente, mas que pode prestar-se a um ataque radical aos fundamentos da fé através de uma leitura demitizante da Bíblia e da Tradição: colocar-nos-ia numa atitude pós-cristã. Graças a Deus os defensores da fé nos alertam e nos orientam. Os ataques que, por causa desta diferença histórica, são dirigidos hoje contra o Magistério da Igreja não consideram a objetiva vontade de Cristo de firmar a permanência da fé sobre pessoas vivas e contemporâneas, assistidas pelo Espírito Santo, para que nunca enfraqueça a autenticidade do Evangelho para todas as gerações dos crentes. O ministério de Pedro e dos Apóstolos, do Papa e dos Pastores, é hoje — como ontem — mediação indispensável para assegurar a identidade da fé no interior das distâncias históricas. Os operadores da nova evangelização deverão reservar uma particular e cuidadosa atenção ao Magistério da Igreja.

— Uma segunda área de perigo manifesta-se em não saber assumir com equilíbrio as novidades culturais. Certamente entre os principais sinais dos tempos se destacam o processo de socialização e o de personalização, que trazem visões e valores novos. Deles nasce toda uma busca pastoral impregnada de problemáticas específicas. A comunhão eclesial nos impulsiona para frente na evangelização destes sinais dos tempos, seja com o ensino social do Magistério, seja com a intensificada docilidade pessoal do Espírito Santo numa hora particularmente rica de sua presença carismática.

Aqui, porém, podemos encontrar um duplo perigo: o de um primado do social que leva à hiper-valorização do aspecto político (também se tanto importante) prejudicando a transcendência da fé e a autonomia da laicidade; ou aquele de um intimismo espiritual, que favorece atitudes de alienação diante dos graves e urgentes problemas da ordem temporal e da renovação da sociedade.

O estilo de pastoral juvenil herdado por Dom Bosco afasta-se, sem criar polêmicas, destes desequilíbrios; procura harmonizar, com a sabedoria do bom senso, seja a responsabilidade política, seja a interioridade pessoal, “o honesto cidadão e o bom cristão”, promovendo com equilíbrio uma evangelização

verdadeiramente nova na sensibilidade social dos valores políticos e em uma espiritualidade juvenil que procure corajosamente a santidade de cada um.

— Por fim, uma terceira área de perigo é a dos desvios eclesiológicos. O Vaticano II colocou como fundamento da nova evangelização a eclesiologia do Povo de Deus. Existe todo um aprofundamento a esse respeito que destaca a dignidade e a responsabilidade batismal, a vocação e a missão dos fiéis leigos, a especial profecia da vida consagrada e o precioso e indispensável papel dos Pastores. A missionariedade de todo o Povo de Deus foi descrita com todo cuidado na Exortação apostólica “Christifideles Laici”.

Mas ao lado deste progresso eclesiológico nasceram tendências de afastamento, por exemplo, em relação à chamada “Igreja-instituição”, ou em relação ao conceito de Povo de Deus, ou em relação à doutrina do ministério sacerdotal e do magistério, ou em relação à interpretação do simbolismo das celebrações sacramentais sobretudo da Eucaristia e da Penitência.

A nova pastoral, se não se fundamentar claramente sobre uma autêntica eclesiologia conciliar, não poderá ser verdadeira evangelização.

Em particular, interessa-nos saber recuperar com os jovens os valores vitais da Eucaristia e da Penitência, que são colunas básicas do Sistema Preventivo. Assistimos nestes anos a uma queda da celebração destes sacramentos na pastoral juvenil, ou a uma alteração (às vezes dessacralizada) do seu simbolismo pascal, rebaixando-a até à expressão de luta de classe ou a crítica e denúncia contra instituições sociais e eclesiais. É necessário, no entanto, levar os jovens a um conhecimento e participação consciente da Eucaristia e da Penitência, como centro vital prático da nova evangelização. É eludir a absoluta importância deste tema tentar justificar o fato de não levar em conta estes dois sacramentos através de variadas racionalizações que não levam à autenticidade do Evangelho! Não se forma um cristão sem Eucaristia e sem Penitência. Deveríamos saber buscar uma “nova forma” de introdução pedagógica à sua celebração, profundamente convencidos que a nova evangelização deve levar os jovens à vida eucarística e aos compromissos da reconciliação.

Superar os perigos do desinteresse pelos sacramentos ou da mudança do seu simbolismo deveria ser nossa peculiar competência.

A indispensável “interioridade apostólica” dos evangelizadores

Acredito seja muito importante chamar a atenção sobre uma outra “novidade” — porque é sempre tal — que está no início de tudo: a condição de renovação pessoal dos evangelizadores. Há vários anos estamos insistindo sobre a “interioridade apostólica”¹⁹. É bom reconsiderar brevemente aqui este argumento na ótica da nova evangelização.

O Papa falou, a esse respeito, de um “novo ardor”. Trata-se do coração e da mente daquele que “evangeliza”. Nunca houve nem poderá existir evangelização sem válidos evangelizadores: pensemos nos apóstolos e em todos os discípulos.

A nova evangelização é testemunho. “A força da evangelização -- escreve o Papa — se enraíza, ao mesmo tempo, na verdade que se anuncia e *na convicção do testemunho com que se propõe*. Por isso, hoje, a nova evangelização exige que os arautos sejam fiéis na pregação da verdade e *sejam testemunhas* da força salvadora da Palavra da vida. Diante do desafio da nova evangelização, a Igreja precisa hoje de mestres e santos, abertos ao poder iluminante do Espírito Santo, que afina a capacidade de discernimento da realidade e faz brotar uma generosa criatividade de palavras e obras aptas para dar vida ao Evangelho que se anuncia, nas diversas circunstâncias dos tempos.

Por isso os *Religiosos na nova evangelização* têm de primar pela fidelidade à verdade e pelo ardor na missão, pela transparência do testemunho e pela força sobrenatural da santidade. Nunca hão de esquecer que, em comunhão com os Fundadores,

¹⁹ Cf. *Interioridad Apostolica*, Ediciones Don Bosco Argentina, 1989: traz as palestras dos Exercícios Espirituais feitas pelo Reitor-Mor em Fortín Mercedes, no mês de fevereiro de 1988

são *'filhos e filhas dos Santos'* que anunciaram o Evangelho com a santidade de sua vida" ²⁰.

Assim é importante concentrar a atenção sobre nós mesmos como educadores cristãos "renovados".

Esta ótica deve considerar uma característica inerente à modalidade própria do Sistema Preventivo: a de "evangelizar educando" ²¹.

João Paulo II nos lembrou que Dom Bosco soube "estabelecer uma síntese entre atividade evangelizadora e atividade educativa"; a sua preocupação evangelizadora — nos escreveu — "abraça todo o vasto setor da condição juvenil; situa-se, portanto, no interior do processo de formação humana" ²².

Penso seja claro para todos que as atividades educativas propriamente culturais (ciências, profissionalidade, teatro, música, esporte, disciplina, etc.) pertencem pela própria natureza ao nível do amadurecimento humano; não são, por si, evangelização; cultivam-nas também os não-cristãos. O que as eleva de significado, sem mudar sua natureza, é a síntese vital a que o evangelizador que educa as incorpora. São por ele organizadas existencialmente à finalidade cristã de formação integral que leva o jovem à plenitude pascal. "O educador — nos disse o Papa — deve ter a clara percepção do fim último, pois na arte educativa os fins exercem uma função determinante" ²³.

Na circular já citada sobre o nosso Projeto educativo ²⁴ fiz observar que "no Sistema Preventivo podem-se distinguir dois níveis ou aspectos diferentes profundamente unidos entre si: o *princípio inspirador* (= impulso pastoral do evangelizador, o seu formar 'paróquia' seguindo o artigo 40 das Constituições) e o *critério metodológico* que orienta as modalidades concretas da sua ação (= o método pedagógico da 'casa', 'escola' e 'pátio'). Entre 'impulso pastoral' e 'método pedagógico' pode-se perceber uma delicada distinção útil à reflexão e ao aprofun-

²⁰ Carta do Papa aos religiosos por ocasião da XV Assembléia Geral Ordinária da CRB — *Osservatore Romano*, 30 de agosto de 1989

²¹ Cf. a circular sobre o assunto, ACG n. 290, julho-dezembro 1978

²² Cf. *Juvenum Patris*, 15

²³ *Ib.* 16

²⁴ ACG 290

damento de aspectos setoriais, mas seria ilusório e perigoso esquecer a íntima ligação que os une tão radicalmente entre si, ao ponto que torna-se impossível a separação. Quem separa o método pedagógico de Dom Bosco da sua alma pastoral destrói a ambos”²⁵.

Portanto, o evangelizador com sua interioridade apostólica é verdadeiramente o protagonista estratégico da nova evangelização. É preciso que ele tenha assimilado vitalmente a verdade revelada e que tome em consideração as várias “novidades” culturais de que falamos, mas também que considere absolutamente indispensável a renovação pastoral do seu coração. Há verdadeira urgência de um “novo ardor” apostólico, como alma do evangelizador. Não criemos ilusões; o segredo está também no método, mas não pára por aí. Sem um especial cuidado pela interioridade apostólica em nós, nos leigos e nos jovens não teremos a auspiciada nova evangelização. É pela caridade pastoral do coração, centro vital do espírito salesiano, que brota aquela “graça de unidade” que torna mutuamente inseparáveis o “evangelizar educando” e o “educar evangelizando”.

A nova evangelização será fruto de interioridade ou ela não existirá: isto é lógico; e daqui brota a possibilidade de uma “forma nova”.

Dom Bosco foi “pastor” sempre e em todo lugar; ele escolheu como atividade primordial para evangelizar os jovens a educação. Permeou-a cotidianamente com o ardor do “da mihi animas”. Imitemos a arte pedagógica da sua síntese vital, nascida do ardor apostólico do seu coração.

Conclusão

Queridos Irmãos, o argumento tratado nesta circular é complexo e em contínua evolução; e, portanto, não fácil; mas nele encontramos o grande desafio dos novos tempos, cuja resposta foi confiada pelo Vaticano II a toda a Igreja.

Proponhamo-nos iniciar a meditar seriamente os vários aspectos e recolher quanto o Papa e os Pastores nos indicaram e nos indicarão sobre o assunto.

²⁵ *ib.* p. 14

Parece-me que posso dizer que a Congregação já está a caminho para a nova evangelização; já foram vistos frutos prometedores. Não só o “Confronto DB88”, mas toda uma série de experiências pastorais, especialmente através do critério oratoriano²⁶ e as iniciativas surgidas em vários campos, por exemplo, a qualidade pastoral da escola, a orientação cristã da comunicação social, a associação de jovens e de leigos (Grupos juvenis, Cooperadores, Ex-alunos, devotos de Maria Auxiliadora, etc.), que deveriam atrair mais a atenção de todos os irmãos. Após o Concílio Vaticano II, a Congregação entrou verdadeiramente na órbita da nova evangelização.

Lembremos as grandes diretrizes capitulares; em particular, o documento “Evangelização e Catequese” do Capítulo Geral Especial XX; “Os Salesianos evangelizadores dos jovens” do Capítulo Geral XXI; o texto definitivo das Constituições do Capítulo Geral XXII.

Estes Capítulos introduziram na Congregação também mudanças estruturais significativas para a nova evangelização.

Vejamos ainda as orientações do Reitor-Mor com seu Conselho, as Cartas circulares escritas para a aplicação concreta dos Capítulos Gerais. Apresento na nota 27 algumas das Cartas circulares indicativas do nosso “impulso para frente” na direção da nova evangelização dos jovens. Foram publicados numerosos subsídios, particularmente do dicastério de Pastoral juvenil, que apontam os passos concretos a serem dados para traduzir na prática as grandes orientações.

²⁶ Cf. Const. 40

²⁷ Entre as Cartas-circulares dos Reitores Maiores podemos lembrar como particularmente significativas para a nova evangelização as seguintes:

- O discernimento e a unidade hoje na Congregação, ACS 272, outubro-dezembro de 1973
- Nós missionários dos jovens, ACS 279, julho-setembro de 1975
- Necessitamos de espertos de Deus, ACS 281, janeiro-março de 1976
- Os Salesianos e a responsabilidade política, ACS 284, outubro-dezembro de 1976
- O projeto educativo salesiano, ACS 290, julho-dezembro de 1978
- Grupos e movimentos juvenis, ACS 294, outubro-dezembro de 1979
- Mais clareza de Evangelho, ACS 296, abril-junho de 1980
- A comunicação social nos interpela, ACS 302, outubro-dezembro de 1981
- O ano mariano, ACG, julho-setembro de 1987

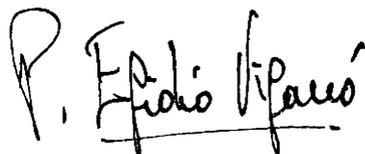
Certamente há ainda muito a ser feito: de fato a Congregação encontra aqui o seu desafio mais urgente, hoje.

O próximo CG23 enfrentará este vasto problema de maneira prática e concreta. Rezemos muito, em comunidade, para o seu feliz êxito e peçamos com insistência a Dom Bosco que nos obtenha sermos portadores válidos do seu carisma pela eficácia de uma nova evangelização da juventude: revivamos verdadeiramente com ele, muito além da diferença histórica que nos distingue culturalmente do seu tempo, a força unificadora que brota do “da mihi animas”.

O assíduo cuidado pela nossa interioridade apostólica, juntamente com nossa atenta consideração do dever humano, nos fará olhar com esperança para o futuro.

Cordiais saudações

Com afeto no Senhor,



-
- A Eucaristia no espírito apostólico de Dom Bosco, ACG 324, janeiro-março de 1988
 - A nossa fidelidade ao Sucessor de Pedro, ACG 315, outubro-dezembro de 1985
 - A Carta “Juvenum Patris” de S.S. João Paulo II, ACG 325, abril-junho de 1988
 - Convocação do Capítulo Geral 23, ACG 327, outubro-dezembro de 1988

Além disso é importante lembrar também aquelas cartas que tratam: da Redescoberta do espírito de Mornese (ACS 301), da Associação dos Cooperadores (ACG 318), dos Ex-alunos (ACG 321), da promoção do laicato (ACG 317) e da Família Salesiana (ACS 304).

É um conjunto de preciosos subsídios (entre outros) que testemunham a entrada em órbita da Congregação e que iluminam a longa estrada que ela tem ainda que percorrer.

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

INTRODUÇÃO À LEITURA DE “O SALESIANO COADJUTOR”

Pe. Paulo NATALI
Conselheiro geral para a Formação

Foi publicado, com a aprovação do Reitor-Mor, o volumezinho: “O Salesiano Coadjutor”. Para favorecer sua leitura e para compreender os critérios da sua composição, comentaremos brevemente os objetivos, o contexto próximo e remoto, os conteúdos, os destinatários e, para a utilidade de todos, indicaremos seus possíveis usos.

1. Os objetivos

Como ajudar os jovens, chamados a serem Salesianos coadjutores, a perceberem o diálogo singular que Deus estabelece com cada um deles, a partir do momento inicial da sua existência e ao longo de toda a vida para incorporá-los ativamente em seu plano de salvação? Como criar as condições favoráveis à escuta e à docilidade? Como garantir as decisões pessoais, próprias de cada idade, e motivá-las de acordo com o grau de maturidade exigida?

E por outro lado, para que a vocação cresça e seja plenamente formada, quais são os valores e as atitudes que o Salesiano coadjutor deve adquirir com a graça de Deus e com um compromisso pessoal e constante? Como individualizá-los? Como assimilá-los?

2. O conteúdo

Foram estas as perguntas que motivaram o CG22 a pedir que “(se aprofundassem) em vários níveis, a riqueza da identidade vocacional do Salesiano leigo e o seu significado essencial para a vida e a missão da Congregação, tendo presente a reflexão em ato na Igreja. O dicastério para a formação (devia

assegurar) a continuação deste aprofundamento” (ACG22, doc. n. 9).

2.1. O contexto próximo

O CG22, com estas expressões, quis um estudo sobre a riqueza e o significado, para a vida e a missão da Congregação, desta modalidade vocacional com a finalidade de promovê-la e formá-la em todos os níveis: portanto em nível histórico, teológico-espiritual, e, mais especialmente, em nível pastoral, vocacional e formativo.

Como iniciar de fato este trabalho sem ver as origens e a história dos diferentes tipos de religiosos leigos nas diferentes Congregações e Ordens e sem parar, o suficiente, para lembrar as origens características e o desenvolvimento do Salesiano coadjutor ao longo da nossa história e na tradição viva?

Destas escolhas e exigências nasceram, neste livro, os dois primeiros capítulos: “*O Salesiano coadjutor: traços históricos*” e “*A identidade do Salesiano coadjutor: aprofundamentos teológico-espirituais*”. Eles fundamentam os outros dois seguintes: “*A vocação do Salesiano coadjutor na pastoral vocacional*” e “*Linhas de formação*”, melhor fundamentados, atualizados e salesianamente seguros.

2.2. O contexto remoto

Era preciso também abrir espaço a toda ampla reflexão sobre os conteúdos iniciada desde o Concílio Vaticano II. Sob o impacto de uma sensibilidade renovada e de situações inéditas e parcialmente originais a serem enfrentadas, o CGS (1971) assumiu a tarefa de redefinir a identidade do Salesiano coadjutor, pesquisando a sabedoria das origens, seguindo-a em seu desenvolvimento e em sua história e, finalmente, dando-lhe hoje um novo significado através de uma leitura fiel e renovada.

Com esta finalidade o próprio CGE mobilizou a Congregação que, em encontros regionais ou ao menos interinspetoriais de irmãos, sobretudo coadjutores, tentou levantar os problemas e orientar aplicações práticas, tendo em vista um Congresso

Mundial a que teriam participado representantes de todas as regiões. Abrindo seus trabalhos, o Reitor-Mor, Pe. Luís Ricceri, indicou suas finalidades: “Pela primeira vez, ele dizia, a Congregação oficialmente coloca-se em atitude tão aprofundada, larga, sistemática, em plena e amorosa vontade de busca, o grande problema: o Salesiano coadjutor o que é e o que quer ser? Como vive e sente, à luz da realidade atual, o ideal da sua vocação religiosa-laical a serviço da missão salesiana? Que dificuldades se apresentam para a sua realização, para o pleno e fecundo desenvolvimento da vocação do “novo apóstolo para o mundo novo”? (Atos CMSC, Roma, 1976, p. 15).

O CG21 depois retomou o tema tratando-o amplamente na perspectiva da identidade e da formação. A insistência sobre o argumento, que o Reitor-Mor Pe. Egidio Viganó manifestou com sua autoridade através da carta “A componente laical da comunidade salesiana” (ACS n. 298, outubro-dezembro de 1980) levou o CG22 a pedir o que estamos apresentando e os Capítulos inspetoriais a indicar pistas concretas, assim como é sua natureza.

Eles, elaborando o Diretório inspetorial, dedicaram, especialmente nos setores da pastoral e no da formação, muita atenção. Concluído o período de busca e de esclarecimento, as Inspetorias, inspirando-se na clareza de critérios e no realismo, iniciaram um período de maior sentido prático, caracterizado pelo esforço de atuar e de aplicar o que até agora foi sobretudo escrito.

Afinal, a maior consciência que se nota sobre o argumento, também se aqui e ali parece que alguns irmãos não estejam bastante informados, levou as Inspetorias a se manifestarem, por um lado direcionando organicamente e programando de maneira flexível e adaptada e, por outro, realizando logo concretamente tudo aquilo que era possível fazer.

Não eram certamente decisões fáceis a serem tomadas. Tantos outros problemas pediam urgência. A resposta vocacional era fraca e o número dos formadores exiguo. Instituir um serviço ou uma estrutura formativa supunha a reabertura de um caminho fechado faz tempo, aceitando o desafio dos primeiros passos, às vezes incertos e nem sempre com sucesso garantido. Podia-se encontrar a indiferença e a insensibilidade de não poucos. Porém era importante decidir e agir. Também se não era possível trabalhar imediatamente com a mesma in-

tensidade em todas as frentes (pastoral vocacional, formação inicial e permanente), semear-se-ia vez por vez num campo com sacrifício, mas com esperança e “juntos” (ACG n. 323, p. 34-35).

O “*Salesiano coadjutor*” é o fruto de uma caminhada feita a partir destes desenvolvimentos e destas indicações.

3. Os conteúdos

Após uma breve introdução sobre “*Gênesis e história dos diferentes tipos de religiosos leigos*”, os “*Acenos históricos*” concentram-se sobre “*O religioso leigo na Congregação salesiana de Dom Bosco*”. Procuram-se os primeiros sinais e segue-se o desenvolvimento que a idéia teve, no traçado das origens, até a época do Concílio Vaticano II.

A reflexão sobre a modalidade vocacional do Salesiano leigo, retomada pelos Capítulos gerais do pós-concílio, de que falamos, e que depois foi codificada pelo CG22 no texto definitivo das Constituições; as intervenções autorizadas do Reitor-Mor (cf. ACS n. 298); e depois a informação que os Atos dos diferentes encontros sobre o Salesiano coadjutor recolheram e comunicaram em relação à organização e ao progresso das experiências pastorais e formativas; o diálogo sincero sobre o tema durante as “*Visitas de conjunto*” tornaram possível compor, integrando doutrina e experiência, o segundo capítulo deste texto: “*A identidade vocacional do Salesiano coadjutor: aprofundamentos teológico-espirituais*”. É um capítulo que dá ordem e sistematicidade aos diferentes conteúdos. Introduce a um primeiro contato com as palavras que utiliza e que explica (“*Identidade*”: *os múltiplos sentidos*); sublinha, iniciando pelo menor e subindo para o maior, os aspectos gerais e aqueles fundamentais da identidade, relacionados sempre com a natureza original da comunidade salesiana, da qual o Salesiano coadjutor é membro. O valor central dos fins e dos valores, a reciprocidade da relação com o Salesiano sacerdote fazem da modalidade vocacional do Salesiano leigo uma vocação completa, original e significativa, especialmente em relação à sua missão e espiritualidade.

O terceiro capítulo: “*A vocação do Salesiano coadjutor na pastoral vocacional*” é o primeiro dos dois capítulos práticos.

Trata da vocação do Salesiano coadjutor em relação à pastoral vocacional. Coloca em destaque algumas convicções que animam interiormente a ação da comunidade cristã; sublinha as tarefas; faz entrever o percurso que deve ser feito para o discernimento dos sinais. Mais diretamente focaliza algumas atitudes e meios necessários para fazer amadurecer na direção de sua plenitude os germes vocacionais descobertos, quais o anúncio-proposta e a acolhida-acompanhamento.

O quarto capítulo lembra que existem razões profundas para aquele "*compromisso extraordinário de formação*" que o Reitor-Mor recomendava na Carta citada (cf. ACS n. 298). A reflexão assim introduzida movimentava-se sobre dois eixos. Antes de tudo são identificados os valores e as atitudes desta vocação. Eles são comuns e específicos, ao mesmo tempo, porque sinais da laicidade que é a maneira de ser e de trabalhar do Salesiano coadjutor. É proposto depois um método para motivar com valores as atitudes a serem interiorizadas na pessoa, fazendo a experiência delas. O capítulo por fim desenvolve os elementos formativos relativos às fases do Pós-noviçado e do Pós-tirocínio, tempos de formação inicial delicados e complexos e ainda não plenamente avaliados pela experiência.

4. Os destinatários

A quem, primeiramente, destina-se este breve estudo e seus conteúdos operacionais? Esta escolha teria influenciado sobre as outras: sobre a escolha da quantidade e qualidade dos conteúdos; sobre a escolha da linguagem que é mais comunicativa para fazer entender e transmitir do que para animar espiritualmente; sobre a escolha, afinal, dos critérios comuns aos quais se inspirar visando os objetivos a serem alcançados.

Pensou-se, portanto, que também se todos os Salesianos são convidados a lê-lo, como assunto que toca de perto a consciência carismática de cada um, os *mais diretamente interessados* deveriam ser os que trabalham com *responsabilidades formativas e pastorais* diretas e específicas: os inspetores, os conselheiros inspetoriais, os membros das comissões e os diretores.

Os Salesianos coadjutores, também eles poderiam ver recolhidas, com uma certa harmonia e clareza, as riquezas de sua

modalidade vocacional. Teriam podido percebê-la antiga nas suas origens e nascida do coração de Dom Bosco, enriquecida pelos ulteriores desenvolvimentos que conheceu no caminhar da história e atualmente, para o bem da Congregação e dos jovens especialmente mais pobres.

Estes conhecimentos, esperava-se, teriam feito aumentar a confiança e a coragem sempre insidiadas pelos tempos infecundos em que vivemos e teriam vencido os bloqueios psicológicos que nascem facilmente quando os objetivos a que se convida aparecem demasiado exigentes e altos e pouco diretamente referidos às condições reais do problema.

Mas, crescendo na verdade, poder-se-ia compreender que “os ideais” devem existir e que devem ser entendidos mais como expressão da grande riqueza de uma forma vocacional que coloca a vida em movimento, mais portanto como apelo a um compromisso do que como um juízo sobre aquele pouco que conseguimos ser. A vida deve ser vivida sem ansiedades e com confiança.

5. Utilizá-lo!

A que podem servir os conteúdos deste volume?

Eles podem incentivar:

— o *compromisso pessoal*:

A leitura também particular do texto, feita com boa vontade de superar aqueles poucos passos que apresentam uma qualquer dificuldade, leva a compreender mais e a estimar mais. Os Salesianos coadjutores, depois, são chamados a fazê-lo com a força da sua própria profissão religiosa para caminhar pessoalmente na direção de uma mais verdadeira e rica descoberta de si mesmos.

— a *formação permanente*:

Poderão ser apresentados, em oportunas ocasiões, os conteúdos do texto, focalizando a natureza, a originalidade e a utilidade seja comunitária seja missionária desta forma vocacional.

— *a consciência do significado do Salesiano coadjutor para a missão e a vida de comunidade:*

A fisionomia espiritual, pastoral e educativa do Salesiano coadjutor deve ser aproximada das urgências da cultura em que se vive e se trabalha, focalizando quanto ela seja atualmente válida e, para nós Salesianos, irrenunciável.

Difundir-se-á a consciência que cada uma das suas formas vocacionais (Salesiano coadjutor e Salesiano sacerdote) é concreta e complexa em si mesma e faz parte do seu aspecto concreto e completo o estar em relação com a outra. Difundir-se-á a convicção que, se as distinções levam à separação e ao contraste em lugar da comunhão e a integração recíproca, todos tornamo-nos mais pobres.

— *o interesse e o compromisso de estudo das comunidades em formação inicial:*

Elas poderão utilizar o texto como uma ajuda que sugere temas para aprofundar o projeto do Fundador, que apresenta problemas ainda abertos ou novos sobre os quais refletir; oferece orientações positivas a serem assumidas na pastoral vocacional e na formação e convida a descobrir uma vida de comunidade mais rica, harmônica e eficaz.

A utilidade e a alegria maior serão certamente aquelas de ter contribuído, também só um pouquinho, para tornar real o ideal apostólico de Dom Bosco: “Eu preciso mesmo ter muito que venham me ajudar desta maneira”.

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS

A PROFISSÃO DE FÉ E O JURAMENTO DE FIDELIDADE NA TOMADA DE POSSE DE UM ENCARGO EXERCIDO EM NOME DA IGREJA

O Secretário geral

Em “*Acta Apostolicae Sedis*” (AAS 81, 1989, p. 104) foi oficialmente apresentada a fórmula da “profissão de fé” acompanhada pela nova fórmula de um “juramento de fidelidade”, a ser pronunciado por todos aqueles que assumem um encargo eclesial e o exercem “em nome da Igreja”.

Na nota de apresentação do texto, lembrava-se expressamente o Código de Direito Canônico, que no cân. 833 nn. 1-8 apresenta a lista daqueles que devem pronunciar a *profissão de fé*, no ato de assumir uma tarefa eclesial. Essa profissão de fé já estava em uso antes do novo Código e consiste no Símbolo niceno-constantinopolitano, com acréscimo de uma fórmula de explícita adesão à Palavra de Deus escrita e transmitida pela Tradição e autenticamente declarada pelo magistério da Igreja. Esta segunda parte acrescentada foi reformulada, mas substancialmente reproduz o texto em vigor desde 1967.

A novidade (também se é uma novidade relativa, porque trata-se de uma práxis já presente na tradição eclesiástica) está no “*juramento de fidelidade*” relacionado com particulares deveres inerentes ao cargo a ser assumido, que, prescrito antes só para os Bispos, agora estende-se às categorias apresentadas no cân. 833 nn. 5-8.

Trata-se, escreve AAS, de uma fórmula complementar à “*professio fidei*”, que a integra com uma específica solene promessa de agir sempre na comunhão da Igreja, exercendo a tarefa recebida com diligência e fidelidade, na convicção de se estar guardando um precioso depósito a ser transmitido com integridade. Esta convicção de fé é o fundamento da obediência aos Pastores que Cristo estabeleceu para apascentar seu rebanho e da observância da disciplina da Igreja.

Considerando tudo isso, interessa lembrar aqueles que entre nós salesianos são obrigados a emitir a “profissão de fé” e o “juramento de fidelidade”.

Porque chamados a uma tarefa específica no contexto da vida religiosa, estão incluídos antes de tudo na norma do cân. 833, n. 8, "*Os Superiores dos Institutos clericais e das Sociedades de vida apostólica, obedecendo às normas das Constituições*". As nossas Constituições, portanto, obedecendo a esse cânon, no artigo 121, estabeleceram que "o Superior é obrigado a emitir a profissão de fé"; agora deve-se acrescentar que, com a profissão de fé, deverá emitir também o prescrito juramento.

Como se sabe, os Superiores de que se fala, canonicamente nomeados, são: o Reitor-Mor e seu Vicário, o Inspetor (ou Superior da Visitadoria) e seu Vicário, e o Diretor de cada casa erigida canonicamente.

Eles emitem a profissão de fé e pronunciam o juramento na "tomada de posse" do encargo: exatamente em nossa práxis jurídica a "profissão de fé" é o ato que determina a "tomada de posse" e portanto o início efetivo do exercício do encargo recebido.

A profissão de fé e o correspondente juramento devem ser emitidos diante do Superior competente ou de um seu Delegado: o Diretor diante do Inspetor ou de um seu Delegado, o Inspetor diante do Reitor-Mor ou de um seu Delegado.

Além dos Superiores religiosos, entre nós, existem outros irmãos que recebendo um encargo eclesiástico devem emitir a "profissão de fé" e esse "juramento". De acordo com os nn. 5-7 do citado cân. 833, eles são:

- *os párocos*, que emitem a "profissão de fé" diante do Bispo ou de um seu delegado, na tomada de posse do encargo (cân. 833,6);
- *os professores de teologia e filosofia* nos seminários, no início de seus trabalhos (os professores nos nossos estudantes emitem a "profissão de fé" na presença do Inspetor ou do seu delegado — cân. 833,6);
- *o reitor de Universidade eclesiástica* (diante do Grão-Chanceler e os docentes de disciplinas relacionadas com a fé na mesma Universidade (diante do reitor, se sacerdote — cân. 833,7);

— aqueles que *são promovidos à ordem do diaconato* (para nós eles fazem a “profissão de fé” na presença do Inspetor ou de um delegado — cân. 833,6).

Lembra-se que as novas disposições já entraram em vigor, e deverão portanto ser observadas por todos aqueles aos quais se referem.

Eis o que nos foi lembrado na promulgação da renovada fórmula da profissão de fé e do juramento correspondente.

Para nós Salesianos é um lembrete ao espírito de fé que nos deve animar quando acolhemos um encargo como um mandato que nos é confiado pela Igreja e que exercemos em seu nome (cf. Const. 44). É também um convite a reforçar aquela fidelidade aos Pastores da Igreja, em espírito de comunhão, que foi sempre uma característica do nosso Fundador e Pai Dom Bosco, e que faz parte dos traços fundamentais do nosso espírito salesiano (cf. Const. 13).

Reproduzimos aqui, em seguida, as fórmulas da “profissão de fé” e do “juramento” no original latino. Lembra-se que as traduções nas várias línguas estão a cargo das respectivas Conferências Episcopais, às quais deve-se, portanto, fazer referência.

Nota-se também que a fórmula do “juramento” está reproduzida com as variações próprias dos Institutos religiosos, onde se faz um explícito aceno à fidelidade à Igreja, na salvaguarda do próprio carisma (“índole e fim”) do Instituto.

I. PROFESSIO FIDEI

(Formula deinceps adhibenda in casibus in quibus iure praescribitur Professio Fidei)

Ego N. firma fide credo et profiteor omnia et singula quae continentur in Symbolo fidei, videlicet:

Credo in unum Deum Patrem omnipotentem, factorem coeli et terrae, visibilium omnium et invisibilium, et in unum Dominum Iesum Christum, Filium Dei unigenitum, et ex Patre natum ante omnia saecula, Deum de Dei, lumen de lumine, Deum verum de Deo vero, genitum non factum, consubstan-

tialem Patri per quem omnia facta sunt, qui propter nos homines et propter nostram salutem descendit de coelis, et incarnatus est de Spiritu Sancto, ex Maria Virgine, et homo factus est; crucifixus etiam pro nobis sub Pontio Pilato, passus et sepultus est; et resurrexit tertia die secundum Scripturas, et ascendit in coelum sedet ad dexteram Patris, et iterum venturus est cum gloria iudicare vivos et mortuos, cuius regni non erit finis; et in Spiritum Sanctum Dominum et vivificantem, qui ex Patre Filioque procedit; qui cum Patre et Filio simul adoratur et conglorificatur qui locutus est per prophetas; et unam sanctam catholicam et apostolicam Ecclesiam. Confiteor unum baptisma in remissionem peccatorum, et exspecto resurrectionem mortuorum, et vitam venturi saeculi. Amen.

Firma fide quoque credo ea omnia in verbo Dei scripto vel tradito continentur et ab Ecclesia sive sollemni iudicio sive ordinario et universali Magisterio tamquam divinitus revelata credenda proponuntur.

Firmiter etiam amplector ac retineo omnia et singula quae circa doctrinam de fide vel moribus ad eadem definitive proponuntur.

Insuper religioso voluntatis et intellectus obsequio doctrinis adhaereo quas sive Romanus Pontifex sive Collegium episcoporum enuntiant cum Magisterium authenticum exercent etsi non definitivo actu easdem proclamare intendant.

II. IUSIURANDUM FIDELITATIS IN SUSCIPIENDO OFFICIO NOMINE ECCLESIAE EXERCENDO

(Formula adhibenda a christifidelibus de quibus in can. 833, n. 5-8, cum variationibus pro religiosis)

Ego N. in suscipiendo officio... promitto me cum catholica Ecclesia communionem semper servaturum, sive verbis a me prolatis, sive mea agendi ratione.

Magna cum diligentia et fidelitate onera explebo quibus teneor erga Ecclesiam, tum universam, tum particularem in qua ad meum servitium, secundum iuris praescripta, exercendum vocatus sum.

In munere meo adimplendo, quod Ecclesiae nomine mihi commissum est, fidei depositum integrum servabo, fideliter tradam et illustrabo; quascumque igitur doctrinas iisdem contrarias devitabo.

Disciplinam cunctae Ecclesiae communem fovebo observantiamque cunctarum legum ecclesiasticarum urgebo, earum imprimis quae in Codice Iuris Canonici continentur.

Christiana oboedientia prosequar quae sacri Pastores, tamquam authentici fidei doctores et magistri declarant, aut tamquam Ecclesiae rectores statuunt, atque cum Episcopis dioecesanis libenter operam dabo, ut actio apostolica, nomine et mandato Ecclesiae exercenda, salvis indole et fine mei Instituti, in eiusdem Ecclesiae communione peragatur.

Sic me Deus adiuvet et sancta Dei Evangelia, quae manibus meis tango.

NB: O quarto e quinto parágrafos em geral (para os não religiosos) soam assim:

Disciplinam cunctae Ecclesiae communem sequar et fovebo observantiamque cunctarum legum ecclesiasticarum, earum imprimis quae in Codice Iuris Canonici continentur, servabo.

Christiana oboedientia prosequar quae sacri Pastores, tamquam authentici fidei doctores et magistri declarant aut tamquam Ecclesiae rectores statuunt, atque Episcopis dioecesanis fideliter auxilium dabo, ut actio apostolica, nomine et mandato Ecclesiae exercenda in eiusdem Ecclesiae communione peragatur.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1. Crônica do Reitor-Mor

Entre os vários compromissos do Reitor-Mor durante o mês de julho lembramos a sua visita a Ortona (no dia 8 de julho) para inaugurar uma nova presença em favor dos toxicodependentes; a Varazze (a 16 de julho) para uma Missa “sobre o mar” organizada pelo nosso florescente Oratório; e a Frascati-Villa Tuscolana (no dia 29) para a inauguração da Assembleia Geral das Voluntárias de Dom Bosco.

Esteve no Chile de 3 a 20 de agosto. Aí pregou, em Punta de Tralca, os exercícios espirituais ao clero da Arquidiocese de Santiago. Estavam presentes dois cardeais, alguns bispos, 400 entre sacerdotes, diáconos permanentes e seminaristas do último ano. Desenvolveu temas ministeriais visando a “nova evangelização”. Este seu serviço, pedido insistentemente já há algum tempo, constituía uma das iniciativas para a preparação da Igreja local ao V Centenário (1992) da primeira Evangelização da América Latina. Antes de deixar aquele País teve também vários encontros com Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Cooperadores, Ex-alunos, VDB, etc.

No mês de setembro estive em Turim (no dia 8) para receber, na Basílica de Valdocco, as novas profissões; em Parma (dia 9) para o Encontro Nacional dos Conselhos dos Ex-alunos; em Berlim (nos dias 10 a 13) para participar dos dias de estudo com um grupo de Bispos e Inspetores salesianos.

De particular significado foi a visita à Inspetoria de Ljubljana, de 22 a 25 de setembro, com um intenso programa de encontros com

Salesianos, autoridades, jovens e amigos de Dom Bosco.

4.2. Crônica do Conselho Geral

Os trabalhos da sessão plenária de verão do Conselho Geral — décima-primeira desde o início do sexênio — iniciaram na terça-feira, 6 de junho: como sempre os Conselheiros voltaram a Roma depois de três largos meses de intenso trabalho realizado nas Inspetorias para acompanhar os irmãos e as comunidades na sua missão educativa pastoral.

A sessão foi rica de trabalho e de fraternidade salesiana. Introduzindo os trabalhos, o Reitor-Mor convidava para concentrar a atenção sobre dois compromissos que são para nós particularmente importantes: o Capítulo Geral 23, cujo tema atinge a própria alma da nossa missão, e o compromisso pelas vocações, que a Estréia nos propõe e que representa ainda para muitas regiões um ponto delicado e preocupante.

Apresenta-se aqui um índice dos argumentos de maior importância tratados durante a sessão do Conselho, que evidentemente foram acompanhados do trabalho assim chamado “normal”, mas muitas vezes bem empenhativo, relacionado com o normal andamento da vida das Inspetorias e comunidades (nomeações de Conselheiros inspetoriais e diretores, abertura e ereção de casas, exame de assuntos econômicos e administrativos, processos relacionados com alguns irmãos, etc.).

1. *Nomeações de Inspetores.* Duas foram as Inspetorias, para

as quais se providenciou a nomeação do Inspetor: a Inspetoria de Hong Kong, onde o Pe. Norbert Tse terminava o seu sexênio, e a Inspetoria de Bilbao (Espanha), que ficou sem o seu Superior após a repentina morte do querido Pe. Federico Hernando. Como sempre, o Conselho geral examinou atentamente as consultas inspetoriais e, após o discernimento, deu o seu consentimento para a nomeação dos irmãos Pe. João Batista Zen e o Pe. Ricardo Arias nas respectivas sedes de Hong Kong e de Bilbao.

2. *Relatórios das Visitas extraordinárias.* Um assunto que ocupou o Conselho durante vários dias foi o exame dos relatórios das Visitas canônicas extraordinárias, realizadas durante o período de março a maio. Seis as Inspetorias visitadas: África central, América central, Brasil-São Paulo, Chile, Espanha-Córdoba, Itália-meridional; e estas acrescentou-se a Visita à Casa Geral em Roma, realizada pelo Pe. Juan E. Vecchi. O exame dos relatórios, apresentados pelos respectivos Visitadores, foi uma ocasião preciosa para refletir sobre a realidade de cada uma das comunidades inspetoriais e para apontar orientações e meios cada vez mais eficazes de animação salesiana.

3. *Preparação do Capítulo Geral 23.* Como acenava-se na introdução, o CG23 foi um dos compromissos que o Conselho Geral teve constantemente presente, também se uma reflexão específica sobre particulares contribuições foi deixada para a próxima sessão plenária. Nesta sessão, além de conhecer como anda a preparação, através das informações do Regulador, os Conselheiros deram o próprio parecer sobre dois momentos previstos na nossa Regra: a constitui-

ção da Comissão Pré-capitular encarregada de fornecer aos capitulares um documento-base de trabalho, e o convite a alguns "observadores" para participarem do CG23.

4. *Aprovação das Deliberações do C.I.* No contexto do CG23 foram examinadas e aprovadas as Deliberações dos Capítulos Inspetoriais pelo Conselho Geral. Numerosos CI, de fato, além de desenvolver a reflexão e oferecer propostas sobre o tema do CG23, elaboraram específicas Deliberações normativas de caráter inspetorial (muitas vezes relacionadas com o Diretório inspetorial), que precisam da aprovação do Reitor-Mor com seu Conselho. Esta é a lista dos CI, dos quais o Conselho geral aprovou Deliberações e/ou Normas de Diretório: África-Leste, Argentina-Córdoba, Brasil-Campo Grande, Canadá-Leste, Coréia, Espanha-Barcelona, Espanha-Bilbao, Estados Unidos-São Francisco, Filipinas, França-Lyon, França-Paris, Holanda, Hong Kong, Índia-Calcutá, Índia-Madras, Irlanda, Itália-Adriática, Itália-Sicília, Iugoslávia-Ljubljana, Iugoslávia-Zagreb, Paraguai, Polônia-Pila, UPS.

5. *Relatórios de cada um dos Dicastérios.* Os Conselheiros dos vários Dicastérios centrais (Formação, Pastoral Juvenil, Família Salesiana e Comunicação Social, Missões, Economato) apresentaram uma relação sobre a atividade desenvolvida, os problemas e as perspectivas em relação à animação do respectivo setor. Essa relação foi um momento de reflexão pelo Conselho Geral sobre um constante crescimento e um sempre mais válido auxílio em nível de Congregação.

Em relação ao Economato, deve-se sublinhar, em particular, o *exame*

e a aprovação da prestação de contas, como pede o artigo 192 dos Regulamentos gerais.

6. *Pertença à Família Salesiana da Associação de Maria Auxiliadora.* Durante esta sessão, o Conselho geral terminou uma reflexão iniciada já na sessão anterior, dando o seu parecer positivo ao pedido de pertença à Família Salesiana que foi feito pela *Associação de Maria Auxiliadora*, fundada pelo próprio Dom Bosco e tendo como centro propulsor o Santuário de Maria Auxiliadora em Turim. O Conselho Geral refletiu sobre a história e sobre as características da Associação para os novos tem-

pos, dando algumas linhas de orientação, que o Reitor-Mor fez suas nas cartas enviadas respectivamente aos membros da Associação e ao reitor do Santuário de Turim (cf. Documentos 5.3).

Concluído este relatório sobre os trabalhos, deve-se também lembrar o clima de alegria salesiana e a constante oração que acompanharam os próprios trabalhos: momentos fortes de oração foram especialmente as celebrações eucarísticas, vividas juntos, e o dia de retiro na sexta-feira, 7 de julho, pregado e animado pelo Pe. Enrique Del Còvolo, da UPS. A sessão concluiu-se a 21 de julho.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1. **Aprovação do texto próprio do Missal da Sociedade da Família Salesiana**

No dia 20 de julho de 1989 a Congregação para o Culto Divino e para a Disciplina dos Sacramentos aprovou o texto do Missal próprio da Sociedade Salesiana e do Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, que se estende também à Família Salesiana. O texto fora oportunamente revisto e atualizado após a aprovação definitiva das Constituições dos dois Institutos Religiosos.

O texto do Missal será sucessivamente publicado.

Apresentamos, em seguida, o Decreto pontifício na tradução portuguesa.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E PARA A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS

Prot. 932/87

SOCIEDADE DE S. FRANCISCO DE SALES

Por interesse do Revmo. Pe. Egídio Viganó, Reitor-Mor da Sociedade de São Francisco, através de uma carta do dia 9 de julho de 1987, pelas faculdades outorgadas a esta Congregação pelo Sumo Pontífice João Paulo II, aprovamos e confirmamos o texto do MISSAL PRÓPRIO da mesma Sociedade, redigido em língua italiana, assim como ele se apresenta em cópia que foi apresentada.

Na impressão do texto insira-se integralmente este Decreto, com o qual é concedida pela Sé Apostólica a confirmação pedida. Ainda,

sejam enviadas duas cópias do texto impresso a esta Congregação.

Revogam-se as disposições em contrário.

Da sede da Congregação para o Culto Divino e para a Disciplina dos Sacramentos, no dia 20 de julho de 1989.

Eduardo Card. Martinez
Prefeito

Pedro Tena
Subsecretário

5.2. **Celebração litúrgica anual da memória dos Bem-aventurados Luís Versíglia e Calisto Caravário no dia 13 de novembro**

Publica-se o Decreto da Congregação para o Culto Divino e para a Disciplina dos Sacramentos, através do qual a memória litúrgica anual dos Bem-aventurados Luís Versíglia e Calisto Caravário é transferida para o dia 13 de novembro, quando foi reconhecido pela Igreja o martírio.

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO E PARA A DISCIPLINA DOS SACRAMENTOS

Prot. CD 386/89

SOCIEDADE DE S. FRANCISCO DE SALES

A pedido do Revmo. Pe. Luís Fiora, Procurador Geral da Sociedade de São Francisco de Sales, através da carta de 11 de julho de 1989, pelas faculdades atribuídas a esta Congregação pelo Sumo Pontífice,

fique JOÃO PAULO II, concedemos que a memória dos Bem-aventurados Mártires Luís Versiglia, bispo, e Calisto Caravário, presbítero, atualmente inscrita no Calendário próprio no dia 25 de fevereiro, possa ser transferida para o dia 13 de novembro.

Revogam-se as disposições em contrário.

Da sede da Congregação para o Culto Divino e para a Disciplina dos Sacramentos, no dia 27 de julho de 1989.

Eduardo Card. Martínez
Prefeito

Pedro Tena
Subsecretário

5.3. Reconhecimento de pertença à Família Salesiana da "Associação de Maria Auxiliadora"

Transcrevemos as cartas do Reitor-Mor, escritas respectivamente aos membros da Associação de Maria Auxiliadora, ao Reitor da Basílica de Maria Auxiliadora em Turim e aos grupos da Família Salesiana, com as quais comunica-se o reconhecimento de pertença da "Associação de Maria Auxiliadora" à Família Salesiana.

Prot. n. 89/0855

Roma, 24 de julho de 1989

Aos membros da Associação de Maria Auxiliadora

Queridos irmãos e irmãs da Associação de Maria Auxiliadora,

tenho a satisfação de lhes comunicar que o Reitor-Mor, com o seu Conselho em sessão plenária, aco-

lheu positivamente — no dia 5 de julho p.p. — o pedido para o reconhecimento oficial de pertença da sua Associação à Família Salesiana.

Este reconhecimento vem coroar uma realidade já vivida por tantos devotos inscritos em uma Associação iniciada pelo próprio Dom Bosco. Ele tinha-a instituída após a construção do Santuário de Maria Auxiliadora. No dia 18 de abril de 1869 o Arcebispo de Turim aprovava seus estatutos e erigia-a canonicamente na igreja de Valdocco a Ela dedicada (MB IX, 603 ss); foi depois estendida ao mundo todo com sucessivos documentos pelas competentes autoridades eclesiásticas (cf. Céria, "Annali", pág. 91, nota 3). Cada Associação local de devotos foi sempre unida à Associação primária do Santuário de Maria Auxiliadora em Valdocco (MB XIII, 413; 950-951). Cada um dos Sucessores de Dom Bosco, especialmente o Pe. Pedro Ricaldone, incrementou constantemente o seu crescimento.

O Reitor-Mor com o seu Conselho já tinha estudado a sua aprovação nos meses de janeiro e fevereiro passados, após o primeiro Congresso mundial dos representantes da Associação realizado em Turim-Valdocco durante as celebrações centenárias (julho de 1988). O pedido era patrocinado sobretudo pelos representantes da Espanha e de Portugal; sucessivamente foram encaminhadas especiais solicitações da Bolívia, Colômbia, do Equador, da Itália e Venezuela.

Num primeiro exame já tinha-se formulado um juízo globalmente favorável, porém desejava-se que fossem melhor aprofundados alguns aspectos. Com este objetivo foi pedido ao reitor do Santuário de Valdocco, Pe. Gianni Sangalli para que se encarregasse

de recolher maiores elementos para um discernimento mais completo. Assim pôde-se determinar com maior clareza o título de pertença da sua Associação à nossa Família.

O título é aquele da “*devoção salesiana à Auxiliadora*” na modalidade instituída por Dom Bosco.

Trata-se de uma devoção genuinamente eclesial, com claro conhecimento do ministério do Papa e dos Bispos, dirigida a reforçar a fé cristã na sociedade, dando testemunho de conduta moral demonstrando-se dinamicamente ativa entre as classes populares e a juventude dos bairros e das regiões rurais. Uma “devoção”, portanto, que não é só expressão cultural de sentimentos religiosos, mas que os traduz em atitudes de vida e em operosidade apostólica.

Acredito seja bom lembrar, com vocês, alguns dos traços característicos que devemos considerar particularmente significativos da Associação: a sua origem histórica, a sua identidade devocional, os objetivos a serem alcançados e a especial comunhão com o centro mariano de Valdocco.

a. *Origem histórica*

A Dom Bosco, padre em Turim, não era desconhecida a antiga e gloriosa Arquiconfraria de Maria Auxiliadora com sede em Munique (Alemanha Federal) e aquela unida a essa erigida na Igreja de S. Francisco de Paula, na Rua Pó, onde tinha feito pregações e à qual estava inscrito o Pe. Alasonatti.

Mas a fundação da “sua” Associação em Valdocco é uma iniciativa toda particular a ser colocada em estreita relação com a construção do templo em honra de

Maria Auxiliadora em Valdocco e com as graças extraordinárias que nele a Virgem distribuía.

É preciso reconhecer, ainda, que à rápida difusão desta devoção muito contribuiu também a santidade de Dom Bosco e a atualidade indiscutível, no contexto dos tempos, da doutrina contida no próprio nome de Auxiliadora, que lembra a sua intervenção materna em favor da Igreja, do Papa e dos Pastores, do povo e da juventude em dificuldade.

É estimulante reler o especial “Regulamento” redigido na época pelo Santo (cf. MB IX, 604-607) e hoje em fase de reelaboração para adequá-lo às novas importantes exigências conciliares.

b. *Identidade devocional*

A Associação é chamada a testemunhar e a difundir uma devoção a Maria — “Aquele que acreditou” — que aumente, purifique e defenda a fé cristã do povo. Também o Papa João Paulo II, meditando sobre a figura de Dom Bosco durante o centenário, focalizou exatamente que ele via em Maria “o fundamento da promoção e defesa da fé” (Ângelus, 31 de janeiro de 1989). A religiosidade popular encontra nesta específica devoção mariana conteúdos doutrinários de atualidade, expressões culturais de vida prática e iniciativas válidas de evangelização que a tornam autenticamente eclesial.

É uma devoção que comporta um vivo “sentido de Igreja”; contempla em Maria o Modelo profético da Igreja e a sua Mãe solícita que ajudou e ajuda os fiéis nas dificuldades da história através dos séculos. Assegura nos devotos uma sincera adesão ao Sucessor de Pe-

dro e aos Bispos em seu Magistério e uma operosa colaboração em seu ministério de pastores.

c. *Objetivos que busca alcançar*

A Associação promove a participação na ação litúrgica da Igreja — expressão máxima da sua vida — sobretudo com a freqüência aos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação. Aponta neles a fonte da capacidade de testemunhar as Bem-aventuranças no próprio ambiente de vida e de trabalho e o estímulo vital para um apostolado de base na família, no bairro e entre as pessoas.

Favorece uma piedade simples, fiel às celebrações das solenidades de Maria durante o ano, especialmente da festa da Auxiliadora (e das comemorações nos dias 24 de cada mês); ama a reza do Terço, meditando com Maria os mistérios dos grandes acontecimentos da salvação.

Enquanto inspira-se continuamente em Dom Bosco, modelo de devoção mariana operosa, privilegia, com método apropriado, a educação cristã da juventude e preocupa-se pelas famílias, ameaçadas constantemente por tentações que afastam-na do seu caminho. É uma piedade consciente que procura ser hoje uma força de “nova evangelização”.

Assegura uma atmosfera global de espiritualidade, substancial e prática, que reanima a fidelidade a Cristo e à sua missão de salvação. De fato promove, em particular, o cuidado pelas vocações locais, religiosas e ministeriais, seja para a Família Salesiana (para os seus Cooperadores, os seus Institutos de vida consagrada, os seus diáconos e sacerdotes), seja para qualquer outro tipo de vocação no Povo de Deus.

Compromete os membros a partilhar as alegrias, as esperanças, mas também as dificuldades e os desafios que aparecem no mundo atual; a se sentirem unidos à Família Salesiana, em comunhão de oração e de ação, na sua missão em favor da fé.

d. *Especial comunhão com o centro mariano de Valdocco*

Finalmente, a Associação cultiva uma vibrante solidariedade com a vida devocional da Basílica de Maria Auxiliadora de Turim.

Inspirando-se portanto em Dom Bosco e no seu Santuário, reforça a própria identidade e busca os seus objetivos específicos, enriquecendo a devoção com uma crescente dimensão de universalidade.

Nesta peculiar comunhão com o templo mariano de Valdocco, aprende a desenvolver, na pluriformidade das expressões locais, o patrimônio do espírito e da missão de toda a Família Salesiana no mundo.

O Pe. Eugênio Céria, historiador de Dom Bosco, afirmou que a ereção do templo de Maria Auxiliadora em Valdocco possui na tradição da Família Salesiana uma importância excepcional: proclama a certeza da intervenção maternal da Auxiliadora (“Maria construiu para si esta casa”), constitui-se em “lugar privilegiado” de uma mensagem espiritual e apostólica (coração do patrimônio espiritual do Fundador) e torna-se centro de coesão e de difusão universal (“Esta é a minha casa, daqui a minha glória”). Com este templo, Dom Bosco acendeu, afirma Céria, “um fogo místico, com o qual se teriam aquecido e teriam se fortalecido gerações de operários evan-

gêlicos, mandados generosamente a trabalhar na vinha do Senhor” (E. Céria, “Annali” I, pág. 89; cf. todo o capítulo 9).

Quantos outros templos, igrejas e capelas filiais constituem hoje a concreta possibilidade de uma plataforma de relançamento desta devoção!

Os pensadores da fé falam de uma “teologia do templo” como lugar especial de presença do sagrado com fortes projeções espirituais e apostólicas. O santuário de Valdocco ultrapassa a geografia local e é centro fecundo que espalha pelo mundo as riquezas de um carisma do Espírito Santo guardadas e animadas pelo cuidado da Virgem Maria, Mãe de Deus.

A Associação de vocês é disso uma expressão viva; o Espírito de Deus a movimenta para fazer vibrar em todos os continentes o mesmo ardor e amor daquele grande devoto seu que foi Dom Bosco.

Faço votos que toda a Família Salesiana torne-se cada vez mais consciente da importância da Associação de vocês para difundir a devoção à Auxiliadora — Mãe da Igreja. A missão juvenil e popular, de que é portadora esta Família, crescerá em genuinidade espiritual e em eficácia apostólica. Parabéns a todos vocês, queridos membros da Associação, por este reconhecimento de pertença!

Que esse transforme-se num maior compromisso em novo crescimento e em constante sensibilidade diante das exigências da nova evangelização.

A cada um vai a minha saudação, a minha gratidão e a minha lembrança na Eucaristia e na reza do Terço.

Faço votos que a Associação torne-se cada vez mais uma expressão

dinâmica da dimensão popular da crisma de Dom Bosco.

Com afeto no Senhor,

Pe. Egidio Viganó

* * *

Rev. Pe. Gianni Sangalli
Reitor do Santuário
de Maria Auxiliadora — Turim

Caro Reitor do Santuário de Maria Auxiliadora em Valdocco,

no dia 5 de julho deste ano o Reitor-Mor com o seu Conselho reconheceu oficialmente a pertença da Associação de Maria Auxiliadora à Família Salesiana (cf. carta anexa).

Considero esse um reconhecimento particularmente significativo, fruto do fecundo ano de graça que foi o centenário do '88. Não é expressão de um simples entusiasmo e de fácil consentimento; é um fato que vem desde as origens, que enriquece a nossa Família e destaca a extraordinária importância do Santuário de Valdocco e da intensidade em nível mundial da sua vitalidade.

Sei que você está mais do que convencido desta afirmação, mas acredito seja oportuno falarmos disso.

Refiro-me, antes de tudo, às três cartas circulares que escrevi aos irmãos durante o meu reitorado:

— “Maria renova a Família Salesiana de Dom Bosco”: ACG 289, janeiro-junho de 1978;

— “Ato de entrega a Maria Auxiliadora-Mãe da Igreja”: ACG 309, julho-setembro de 1983;

— “O ano mariano” (com o comentário à oração oficial de entrega): ACG 322, julho-setembro de 1987.

Elas constituem um pequeno subsídio que ajuda os irmãos a aprofundarem a dimensão mariana da nossa vocação e que pode também servir para esclarecer o significado da pertença desta Associação à Família.

Em particular, a primeira destas cartas circulares (aquela de 1978) é ainda hoje uma apresentação atualizada de todo o aspecto mariano do carisma de Dom Bosco. Continua sendo um documento de atualidade, que deve ser relido e meditado para fazer crescer em fidelidade. Considero-o um atestado da nossa renovação conciliar que esteve como alicerce daquele "Projeto-Valdocco" que você conhece de perto; ele inclui hoje — como amadurecimento ulterior — também este reconhecimento de pertença à Associação.

Gostaria de partilhar com você algumas reflexões que espero sirvam para reavivar a importância e iluminar os seguintes compromissos. Refiro-me sobretudo aos seguintes pontos: título de pertença, o significado teológico da Basílica de Valdocco e as concretas responsabilidades dos animadores.

— O título de pertença

Qual é o específico título de pertença da Associação de Maria Auxiliadora à Família Salesiana? Não acredito seja difícil individualizá-lo: os associados fazem parte "pela devoção salesiana à Auxiliadora", na modalidade instituída pelo próprio Dom Bosco, sobretudo no seu aspecto de incremento e de defesa da fé cristã entre o povo.

Existem na Família Salesiana vários níveis de pertença. O primeiro nível interessa os três grupos centrais SDB, FMA, CCSS: eles representam a base permanente do

carisma de Dom Bosco, asseguram a sua fiel continuação no tempo e trazem consigo uma própria força de crescimento no devir da Igreja. São fundamento e ponto de confronto para todos os outros naquilo que atinge o espírito, a missão e a metodologia pedagógico-pastoral de ação (Const. SDB, 5). Um segundo nível refere-se aos vários grupos de vida consagrada, surgidos posteriormente pela força criativa do carisma; eles partilham o mesmo espírito e a missão de Dom Bosco com particularidades próprias que interpelam e enriquecem de fato o patrimônio comum de toda a Família. O exame do título de pertença de cada um destes grupos é objeto de um especial discernimento do Reitor-Mor com seu Conselho (cf. ACG 304, circular sobre a Família Salesiana e critérios de reconhecimento de pertença, abril-junho, 1982). Um terceiro nível abre-se para um horizonte mais amplo; ele, porém, exige estar estritamente unido, objetivamente, à própria vitalidade do patrimônio de Dom Bosco: a energia unificada do seu carisma é indispensável também para este mais vasto nível de pertença. De fato para os Ex-alunos e as Ex-alunas foi reconhecido constitucionalmente o título "pela educação recebida" como força vinculante e orientadora, até mais além da fé cristã (Const. SDB, 5).

No caso desta Associação, a sua justa avaliação está enraizada no título da "devoção salesiana à Auxiliadora" de acordo com a forma associativa instituída pelo próprio Dom Bosco. Evidentemente a palavra "devoção", para o nosso Pai, não se reduz a significar alguns aspectos gerais e simplesmente culturais, mas comporta um compromisso de testemunho concreto da fé cristã, vivida apostolicamente de acordo com a índole própria do nosso carisma.

É uma Associação com bases bem amplas, sem demasiados requisitos, mas aberta e em comunhão com os Grupos dos outros níveis.

Assim como entre os Ex-alunos e as Ex-alunas são convidados “os mais sensíveis aos valores salesianos a amadurecerem a vocação de Cooperadores” (Regul. SDB, 39), da mesma maneira entre os membros desta Associação mariana deveria se cultivar um clima capaz de fazer amadurecer vocações não só para os Cooperadores e para as Voluntárias de Dom Bosco, mas também para os candidatos aos vários grupos da Família Salesiana, especialmente SDB e FMA, e todos os tipos de vocações na Igreja. O aspecto vocacional, de fato, constitui uma das características próprias da devoção mariana promovida por Dom Bosco; é suficiente lembrar a sua “Obra de Maria Auxiliadora” pelas assim chamadas vocações adultas.

— A basílica de Valdocco, centro de coesão e fonte de graça

A famosa expressão “Hic domus mea, inde glória mea” (aqui está a minha casa, daqui espalhar-se-á a minha glória) possui um significado teológico e histórico não indiferente para a vitalidade do carisma salesiano no mundo.

É oportuno lembrar aqui uma “teologia do templo”, como expressão geograficamente encarnada de uma especial presença de Deus, das suas iniciativas gratuitas, de lugar sagrado com maternais intervenções de Maria ou com a intercessão de determinados Santos. Olhemos a tantos santuários do mundo, sobretudo aqueles constituídos em honra da Virgem Maria.

Este tipo de reflexão teológica nós o devemos aprofundar em relação ao santuário da Auxiliadora em Valdocco, que proclama milagrosamente o auxílio de Maria no nascimento e difusão do nosso carisma.

Dom Bosco nos assegura que a edificação deste templo, consagrado no dia 9 de junho de 1869 (“dia de paraíso”), lhe foi sugerida do alto (cf. MB II, 24ss); ele terminou-o em apenas três anos graças à contínua e portentosa intervenção de Maria. “Vocês estão vendo esta igreja? — repetia. Maria construiu-a de maneira admirável e a fez crescer, diria, pela força de milagres... Nem os favores de Maria terminaram com o fim dos trabalhos; aliás continuam mais do que antes. São coisas que fazem chorar de ternura” (MB XVI, 285).

Com razão o Pe. Céria escreve: “Igreja verdadeiramente milagrosa esta de Maria Auxiliadora: milagrosa, por ter sido apresentada muito tempo antes ao Santo no seu lugar e na sua forma; milagrosa na ereção porque a Dom Bosco, pobre pai dos pobres, só meios providenciais permitiram iniciá-la; milagrosa pelo rio de graças que nunca deixou de brotar dela como de uma fonte inesgotável” (E. Céria, “Annali” I, p. 92; seria interessante reler todo o cap. 9).

Portanto, o nosso Pai fala desta “Casa mariana” como “de uma presença viva, de uma fonte burbulhante de graças, de movimento contínuo de operosidade apostólica, de clima de esperança e de vontade de compromisso em favor da Igreja e do Papa. Apresenta-se à nossa consideração uma verdadeira ‘lirica dos fatos’. Penso que deveríamos refletir mais sobre as conseqüências ‘espirituais’ que tem

para Dom Bosco (e para nós) o fato da construção deste templo, o seu significado efetivo e a sua tarefa fundamental na configuração definitiva do seu carisma e as conseqüências concretas na fundação e desenvolvimento da Família Salesiana" (Circular "Maria renova a Família Salesiana de Dom Bosco", ACG 289, pp. 19-20).

A ereção da Basílica de Valdocco é um acontecimento que incidiu particularmente na longa e difícil obra de fundação da Família Salesiana pelo nosso Pai. Não é simplesmente a edificação material de uma igreja (como outras que ele mesmo construiu), mas um elemento carismático de intensa experiência de fé que contribuiu para definir a sua personalidade de Fundador.

É sobretudo com a peculiar interioridade vivida nestes três anos de trabalho e de confiança mariana que Dom Bosco aprendeu a considerar a presença materna de Maria como a confirmação mais clara de que a sua obra era desejada por Deus: "Maria fez tudo; é mãe e sustentadora da nossa Família; não podemos errar; é Ela quem nos orienta; nesta igreja não há pedra que não seja assinalada por uma graça; a expansão da Família Salesiana deve-se atribuir a uma graça sua; é a Fundadora e será a Sustentadora das nossas obras, a nossa orientadora, a nossa mestra; só no céu é que poderemos, maravilhados, conhecer o que Ela fez; ela nos quer muito bem: Mãe, mãe!" (cf. MB, *passim*). Madre Mazzarello disse justamente: "Se Dom Bosco fala assim, é Nossa Senhora quem falou com ele!".

Este templo tornou-se para Dom Bosco centro de coesão das suas

obras, fonte de graças, seu santuário mariano para o mundo.

Portanto: a Associação de Maria Auxiliadora está ligada vitalmente a este templo: pode-se dizer que Maria não só interveio na sua construção, mas que não o abandonou nem depois. Eis porque a Associação, espalhando-se em todos os lugares, é chamada a manter unidos àquele lugar sagrado tantos "fiéis desejosos de participar mais abundantemente dos copiosos benefícios espirituais, que aí encontram a fonte perene" (E. Céria, "Annali" I, p. 9).

O chamado "projeto-Valdocco" tinha e tem exatamente a finalidade de assegurar a permanência viva do coração mariano de Dom Bosco na nossa Família envolvendo um número crescente de devotos na sua missão evangelizadora. Tanto mais hoje que este templo guarda também os restos mortais de Dom Bosco, de Madre Mazzarello, de Domingos Sávio, do Pe. Rua e do Pe. Rinaldi.

O aspecto "popular" da nossa missão encontra aqui uma renovada fonte de energias com vastas possibilidades de difusão.

Evidentemente na devoção à Auxiliadora é preciso renovar, seguindo as orientações conciliares e a Exortação apostólica "Marialis Cultus", todo o setor exposto a atitudes não genuínas. Porém as vantagens que disso podem ser auferidas são enormes, porque Maria representa a síntese máxima da fé eclesial e porque o tipo de devoção mariana de Dom Bosco encontra a sua expressão mais plena e dinâmica na visão doutrinal do Vaticano II; portanto pode-se e deve-se propor como uma das contribuições dinâmicas da missão popular de Dom Bosco para a nova evangelização.

— As responsabilidades de animação

Um aspecto importante que caracteriza as atividades de Dom Bosco é aquele da sua praticidade organizativa, que explica ao menos em parte a fecundidade e duração das suas iniciativas: saber definir bem as responsabilidades de funcionamento, de animação e de crescimento. As melhores idéias se traduzem em vida vivida só com concretos organismos de atuação.

O nosso Pai, além dos livrinhos marianos das *Leituras Católicas* escritos para o povo com intuito divulgativo, pensou concretamente em três estruturas vivas: o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora, a obra de Maria Auxiliadora para as vocações e esta Associação de devotos.

É exatamente isto que quero-lhe insinuar agora em favor do relançamento da Associação. Dela deveriam partir estímulos e orientações que envolvem em todos os lugares os animadores locais, juntamente com os Inspetores, as Inspetorias, os Diretores, as Diretoras e os Responsáveis dos vários Grupos da Família Salesiana.

Sublinho a especial responsabilidade do Reitor da Basílica; com ele, porém, partilham as tarefas de animação também os vários animadores da nossa Família no mundo. Certamente eu insistirei junto aos responsáveis da Congregação; procurarei falar também com a Madre Geral das FMA para que o compromisso mariano do seu Instituto se dedique de maneira particular a vitalizar e incrementar a Associação; mas todos deverão encontrar em Valdocco um centro dinâmico de sensibilidade mundial que faça perceber a utilidade apostólica e

a importância popular desta concreta dimensão mariana herdada pelo Fundador.

Aproveitando a ocasião deste reconhecimento oficial de pertença, vou-lhe sugerir três tipos de iniciativas que me parecem particularmente oportunas e urgentes.

A primeira é a de fazer conhecer, com um apropriado opúsculo, o significado da pertença desta Associação à Família Salesiana. Este número único deveria conter entre outras coisas, a minha circular mariana de 1978, as duas atuais cartas do Reitor-Mor aos Membros da Associação e ao Reitor do Santuário de Valdocco, alguns dos documentos por você mandados ao Conselho geral, alguns trechos da circular do Pe. Pedro Ricaldone "A nossa devoção a Maria Auxiliadora" (ACS setembro-outubro de 1948), uma breve síntese histórica tirada das *Memórias Biográficas* e dos *Anais*, etc.

A segunda é a de ajudar a superar — talvez com a contribuição contínua e inteligente da bonita revista do Santuário — uma mentalidade, infelizmente difundida entre vários irmãos, que considera esta declaração de pertença como uma volta ao passado, a um tipo pietista de arquiconfrarias obsoletas. Nesta tarefa poderá ser útil um freqüente contato com a "Academia mariana" da nossa Universidade para uma adequada colaboração e assim iluminar e renovar a doutrina e a cultura.

A terceira é aquela de providenciar o mais rápido possível uma reelaboração do chamado "Regulamento" da Associação: assim que resulte um texto em plena sintonia com a profunda renovação eclesial, mariana e salesiana, que estamos vivendo às vésperas do Terceiro milênio.

Eis, querido Reitor, algumas reflexões que acreditei bem submeter à sua atenção. Confiamos no auxílio de Nossa Senhora como fez Dom Bosco.

Ao Pe. João Cagliero, que liderava a primeira expedição missionária, ele entregou algumas recomendações escritas; concluíam assim: "Façam aquilo que puderem: Deus fará aquilo que não poderemos fazer. Confiem tudo em Jesus Cristo sacramentado e em Maria Auxiliadora e verão o que são os milagres" (MB XI, 395).

O Pe. Ricaldone pensava que esta Associação deveria ser considerada parte integrante da nossa Família (cf. ACS 24, dezembro de 1948). Ela torne portanto presente no mundo o auxílio solícito de Maria que, desta "sua Casa", difunde em todos os lugares a sua glória de primeira crente, de Colaboradora na redenção, de Mãe da Igreja, de Estrela da evangelização.

Toda a Família Salesiana sinta-se verdadeiramente herdeira de Dom Bosco na sua filial expressão mariana de fé: receberão os benéficos efeitos cada um dos Grupos da Família Salesiana e, sobretudo, a juventude necessitada e as classes populares para uma expressão válida da sua religiosidade e para solicitar a sua generosidade vocacional.

Será conveniente, querido Reitor, encontrar a maneira de fazer convergir, aí no centro, notícias, propósitos e iniciativas que animarão o relançamento.

Queira Maria Auxiliadora iluminar-nos e guiar-nos sempre.

Cordialmente no Senhor

Pe. Egidio Viganó

* * *

Prot. n. 89/863

Roma, 24 de julho de 1989

**Aos responsáveis Maiores
dos grupos da Família Salesiana**

Queridos Irmãos e Irmãs,

a 5 de julho passado o Reitor-Mor com seu Conselho aprovou o pedido de pertença à nossa Família Salesiana da "Associação de Maria Auxiliadora".

Estou incluindo duas cartas para conhecimento seu: uma enviada aos membros da Associação e a outra ao Reitor da Basílica de Valdocco. De sua leitura poderão deduzir as razões e os valores deste reconhecimento.

É com alegria que olhamos a esta nova declaração de pertença. Ela coloca na devida luz a importância da devoção a Maria Auxiliadora no nosso patrimônio comum, nos faz sentir mais fiéis a Dom Bosco e às suas grandiosas iniciativas, nos estimula a cuidar melhor — na sua dimensão religiosa de fé e de piedade — a dimensão popular da missão salesiana.

Cada Grupo da Família sentir-se-á estimulado não só a privilegiar entre seus membros a devoção à Auxiliadora, mas a dedicar-se também em difundi-la entre as pessoas.

Na "nova evangelização", da qual falam tantos Pastores, existe um lugar privilegiado para a visão mariana de todo o mistério de salvação. O Concílio Vaticano II, a Exortação Apostólica "Marialis Cultus" de Paulo VI (1974), as constantes e profundas orientações do Papa João Paulo II, insistem sobre uma renovada e viva devoção mariana

a ser cultivada na "piedade popular".

Impressionou-me a coincidência verbal de uma expressão de Mamãe Margarida com o lema escolhido pelo Papa Wojtyla. No brasão do Papa lê-se "*totus tuus*" (todo seu!): é a sua entrega plena nos braços de Maria. Mamãe Margarida, com a sua simples mas robusta fé popular, disse ao seu João às vésperas da entrada para o seminário: "Quando você veio ao mundo, consagrei-o à bem-aventurada Virgem; quando você começou seus estudos recomendei-lhe a devoção a esta nossa Mãe; agora recomendo-lhe que seja *todo dela*" (MB I, 373).

Em cada grupo da Família Salesiana dever-se-ia sentir mais viva a consciência e a força de uma semelhante entrega; ela dá uma tonalidade caracteristicamente mariana ao "da mihi animas" e habilita a atuar a vasta obra de evangelização entre os jovens e o povo, não com modalidades só intelectuais, mas com metodologia "materna", ou seja, apropriada, prática e eficaz. Lembremos o que nos escreveu o Papa a 31 de janeiro de 1988: "com a sua obra, queridos educadores, vocês estão realizando um verdadeiro exercício de maternidade eclesial" (IP, 20).

Este reconhecimento de pertença é um especial apelo, para todos os nossos grupos, a darem mais importância à bonita devoção mariana de Dom Bosco. Portanto, "juntos para frente!" neste relançamento da Associação de Maria Auxiliadora!

Uma saudação cordial a você, a seus irmãos e irmãs, com a lembrança constante na Eucaristia.

Cordialmente em Dom Bosco,

Pe. Egidio Viganó

5.4. Novos Inspetores

Apresentamos algumas breves notas biográficas dos Inspetores eleitos pelo Reitor-Mor com seu Conselho durante a sessão plenária de verão.

1. *Pe. João Batista ZEN, Inspetor de Hong-Kong*

O Pe. João Batista ZEN, recém-eleito, da Inspetoria "Maria Auxiliadora" com sede em Hong-Kong, nasceu em Tong Ka Hong perto de Xangai (China) a 11 de maio de 1931. Entrado em 1942 no aspirantado salesiano de Xangai, em 1948 foi admitido ao Noviciado de Hong-Kong, e aí no dia 16 de agosto de 1949, depois do ano de noviciado, fez sua primeira profissão salesiana. Após o tirocínio prático veio para a Itália, Turim-Crocetta, para os estudos teológicos e no dia 11 de fevereiro de 1960 recebeu a ordenação presbiteral.

Obtido o diploma em Teologia, voltou para a sua terra e foi destinado ao estudantado de Hong-Kong como professor de teologia. Em 1966 lhe foi confiada a direção da casa de Cheung Chau, onde ficou até 1972, quando foi chamado a assumir o encargo de Vicário inspetorial de Hong-Kong. Em 1975 foi diretor do aspirantado de Hong-Kong, e em 1980 assumiu a direção da escola de Kowloon. Atualmente era diretor do estudantado de Hong-Kong e membro do Conselho inspetorial.

2. *Pe. Ricardo ARIAS GOMEZ, Inspetor de Bilbao (Espanha)*

Para suceder ao Pe. Federico Hernando, tragicamente falecido, foi chamado o Pe. Ricardo ARIAS.

Nascido em Cerezo de Abajo, perto de Segóvia, a 4 de julho de

1942, Ricardo Arias, após um quadriênio de aspirantado em Madri, em 1957 entrou no Noviciado de Mohernando e aí emitiu a primeira profissão trienal a 16 de agosto de 1958. Em 1964 tornava-se Salesiano para sempre com a profissão perpétua em Pamplona.

Depois do tirocínio prático, em 1966 foi mandado para a UPS e completou os estudos teológicos; foi ordenado sacerdote em Roma, a 21 de dezembro de 1968.

Com o diploma em Teologia e em Filologia Basca, foi por alguns anos (1970-76) animador da casa de Burceña; daqui passou a dirigir o centro profissional de Baracaldo. A partir de 1985 era diretor da grande obra profissional de Pamplona.

5.5. Algumas notícias sobre a preparação do CG23

Aproxima-se a data do início do CG23 e portanto a preparação torna-se mais intensa, seja mediante a invocação ao Espírito do Senhor, seja com a reflexão comunitária e com a predisposição dos instrumentos idôneos.

Pode-se dizer que concluiu-se, com muita satisfação, a primeira fase do próprio Capítulo, que relacionava-se com o discernimento das comunidades locais e inspetoriais e o encontro das propostas para a futura Assembléia em nível mundial. Como fora estabelecido pelo itinerário dos trabalhos, por volta do final de julho todas as Inspeorias e Visitadorias celebraram os seus Capítulos Inspeoriais e transmitiram ao Regulador do CG23 seja as atas das eleições dos delegados, seja as contribuições (verificações e propostas) discuti-

das e aprovadas pelos Capítulos Inspeoriais. Trata-se de um imponente e estudado trabalho que produziu uma riquíssima documentação sobre o tema indicado (a educação dos jovens à fé), que será certamente muito preciosa para os capitulares.

Alguma ulterior rápida notícia pode ser útil para conhecer como está indo o trabalho.

Antes de tudo, durante o mês de agosto, um pequeno grupo, composto pelo Regulador e por dois irmãos (Pe. Francisco Castellanos e Pe. Mário Mauri), providenciou uma sumária classificação do material chegado, fazendo também uma síntese das várias instâncias e propostas a serem transmitidas à Comissão pré-capitular.

Ao mesmo tempo o Reitor-Mor nomeava a Comissão para a revisão das atas das eleições de cada um dos CI prevista pelo artigo 115 dos Regulamentos gerais. Esta Comissão formada pelos irmãos Pe. Piergiorgio Marcuzzi, presidente, Pe. Mário Grussi e Pe. Clemente Franzini, verificou com paciência e atenção a regularidade dos atos.

No dia 4 de setembro, ainda, iniciou os seus trabalhos a Comissão pré-capitular, que, sob a responsabilidade do Regulador, de acordo com o Reitor-Mor, tem a tarefa de redigir as relações e os esquemas a serem enviados aos capitulares como "material de trabalho" (cf. Regul. 113). A Comissão, que o Reitor-Mor nomeou no mês de junho, ouvido o Conselho geral, está formada, além do Regulador, pelos seguintes irmãos: Pe. João Batista Bosco, Pe. Joaquim D'Souza, Pe. Ricardo Ezzati, Pe. James Gallagher, Pe. Grzegorz Jaskot, Pe. Jean-Bosco Kosta, Pe. Angel Laraña, Pe. Gaetano Galbusera, Pe. Renato Mion, Pe. Santiago Negrot-

ti, Pe. Valentin de Pablo, Pe. José Prathan, Pe. José Reinoso, Pe. Francisco Riu, Pe. Ricardo Tonelli, Pe. Morand Wirth, Sr. Luís Zonta.

Quando está sendo impresso este número dos Atos, a Comissão pré-capitular está trabalhando com animação, visando verificar as contribuições dos Capítulos Inspe-

toriais e dos irmãos e preparar uma síntese orgânica, para redigir o "documento de trabalho" para os capitulares.

Como sempre, este trabalho está sendo acompanhado pelas orações das Comunidades, para que Deus ajude a Congregação nesta importante etapa de sua caminhada.

5.6. Irmãos falecidos

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP
P ALBERTI Giovanni	Arese 20-08-89	81	ILE
P ARRIETA CABRERO Enrique	Madrid 02-08-89	61	SMA
L AVELLANEDA José	Barranquilla 17-07-89	74	COM
P BERRETTA Giovanni	Catania 17-09-89	79	ISI
P CARRABBA Matteo	Castellammare di Stabia 24-09-89	78	IME
P CARRERA Telmo	Ambato 13-07-89	43	ECU
P DEBSKI Kazimierz	Warszawa 26-07-89	77	PLE
P DEBSKI Valentin	Santo Domingo 29-06-89	87	ANT
L DELLAZZERI Valentino	Brescia 12-07-89	77	ICE
P DI NICOLA Achille	Menaggio 07-08-89	57	IRO
P ERBA Mario	Sondrio 20-07-89	82	ILE
L FACCHI Giovanni	Arese 02-07-89	82	ILE
P FEDERICI Giuseppe	Roma 30-09-89	74	IRO
P FERRERO Agostino	Lourdes (Francia) 09-08-89	61	ISU
P FISCHER Ernst	Gossau (Svizzera) 10-06-89	75	GEM
P FRYDECKY Vaclav	Bogotá 11-08-89	67	CEP
P GOLA Jan	Kraków 16-07-89	58	PLS
L GONSALVES Alfred	Sulcorna 18-07-89	65	INB
P GRANJA GALINDO Jorge	Quito 16-08-89	76	ECU
P JURGA Kazimierz	Kopiec 07-09-89	64	PLO
P KEMENY Pal	Pannonhalma 07-07-89	78	UNG
L KLINGLER Johann	Unterwaltersdorf 10-06-89	55	AUS
P KOLEK Edward	Kadyny 02-07-89	53	PLE
P KRHUT Jan	Roznov pod Radhostem 06-09-89	76	CEP
P LICCIARDO Bartolomé	Buenos Aires 22-06-89	79	ABA
P MARTINELLI Giuseppe	Pordenone 18-06-89	81	IVE
P MELLY James Michael	Daleside 05-09-89	70	AFM
P MENSI Guglielmo	Cuenca 23-08-89	70	ECU
P MINGHELLI Giovanni	Alassio 20-06-89	83	ILT
P MORETTI Domenico	Follina (TV) 26-08-89	89	IVE
P MULLIGAN Francis	Dublin 05-08-89	69	MOR
P MÜLLER Michael	Cúcuta 21-05-89	82	COB
L NACHER Manuel	Barcelona 31-08-89	82	SVA

NOME	LOCAL E DATA DA MORTE	IDADE	INSP	
L OCHOA Constantino	Bucaramanga	18-07-89	90	COB
P PANASCI Giuseppe	Messina	04-08-89	78	ISI
L PAOLASSO Guido	Tregnago (VR)	23-06-89	75	IVO
P PELAZ BARREDA Lucas	Barcelona	29-06-89	89	SBI
L PUSNIK Ivan	Rijeka	15-06-89	67	JUZ
P RAMIK Erwin	Cieszyn	22-08-89	77	PLO
P RAMIK Erwin	Cieszyn	21-08-89	77	PLO
P RAMOS LIRES Vicente	Mohernando	25-09-89	48	SMA
P RAPATI Jan	Rijswijk	26-08-89	76	OLA
P RESTREPO Alejandro	Dosquebradas	08-08-89	76	COM
L RIVERO VICENTE Zacarias	Salamanca	30-08-89	54	SMA
P ROEX Jan	Vremde	09-09-89	76	BEN
P SALERI Clemente	Manaus	30-08-89	81	BMA
L SANTELJ Ivan	Trstenik	06-09-89	89	JUL
P SANTESSO Luigi	Casarsa della Delizia	09-07-89	73	INE
P SANTIA Pietro	Colle Don Bosco	29-07-89	86	ICE
L SCHIZZAROTTO Benedetto	Venezia	12-09-89	84	IVE
P SINCHETTO Ugo	Torino	15-06-89	73	ISU
P SORESINI Giuseppe	Milano	08-07-89	79	ILE
P TEMPORINI Paolo	Borgomanero	02-07-89	75	INE
P TERZAGHI Roberto	Rosario	17-07-89	68	ARO
P TLUSTY Vladimir	Praha	15-06-89	57	CEP
P TOTH Ferenc	Békéscsaba	30-06-89	75	UNG
L TREMBOWSKI Piotr	Lutomiersk	12-08-89	75	PLE
P TRICOMI Placido	Palermo	31-07-89	78	ISI
P TRONCOSO CALCAT Sergio	Punta Arenas	07-08-89	59	CIL
P VERMEULEN Germain	Gent	02-08-89	71	BEN
L VIEYRA Julio	La Plata	21-07-89	88	ALP
L WALDHERR Johannes	Benediktbeuern	27-06-89	83	GEM
P WOJCIECH Luis	Caracas	28-06-89	89	VEN
P YHUEL Lucien	Lagny	21-08-89	72	FPA
L ZIMMERMANN Longin	Würzburg	11-06-89	77	GEM



Composto e Impresso pelos Alunos das
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS

Rua Dom Bosco, 441 - Fone: 279-1211
Mooca - São Paulo - SP